

Universidade de Brasília
IdA- Instituto de Artes
Departamento de Design

Do efêmero à matéria

*Sobre publicações independentes
na contemporaneidade*

Giovana Rocha Jenkins de Lemos
11/0119339



Do efêmero à matéria

*Sobre publicações independentes
na contemporaneidade*

Giovana Rocha Jenkins de Lemos

Trabalho de conclusão de curso de Programação Visual do
curso de Design da Universidade de Brasília, orientado
pelo Professor Rogério Câmara.

Brasília, 2017

Resumo

Nesta monografia de conclusão de curso de graduação em design busca-se a criação de publicações que reafirmam a importância da materialidade da publicação impressa, em um mundo cada vez mais virtual. Discorre sobre o cenário atual de publicações independentes, que contrasta à fluidez e a imaterialidade do mundo contemporâneo. Esses conceitos são apresentados de forma textual e imagética em um conjunto de pequenas publicações.

Abstract

The following document is part of a graduation project in Design in which seeks the creation of publications that reaffirm the importance of printed publication in a digital era. Presents the current scenario of independent publications and contrasts with the fluidity and immateriality of the contemporary world. Uses visual metaphors to illustrate these concepts in a set of small publications.

Palavras-chaves

Fotolivro; Efêmero; Publicações Independentes; Impresso; Pós-Modernidade.

Sumário

1. Introdução..... 05

- 1.1 Questionamentos iniciais
- 1.2 Caminho adotado
- 1.3 Justificativa

2. Objetivo..... 08

- 2.1 Objetivo Geral
- 2.2 Objetivos Específicos

3. Processo metodológico..... 09

4. O efêmero..... 10

- I - Da certeza para tempos incertos
- II - A fluidez do mundo contemporâneo
- III - A tecnologia como caráter determinante

5. A matéria..... 14

- I - O impresso no contra-fluxo
- II - O Cenário de publicação independente e os fotolivros
 - A. Contextualização
 - B. Sobre fotolivros, fotozines e livros de artista
 - C. O apelo da publicação impressa

6. Referências Visuais..... 21

7. O projeto..... 27

- I - Matéria e efêmero
- II- Alegorias
 - 60'
 - Breve
 - Aquilo que flui
 - Simultâneo

8. Conclusão..... 44

9. Bibliografia..... 45

10. Anexos..... 48

1. Introdução

1.1 Questionamentos iniciais

Nos últimos anos movimentos que reafirmam o valor do impresso vêm crescendo. Quando, em 2013, residindo no Reino Unido, me deparei com um cenário efervescente de publicações independentes¹. Fanzines eram distribuídas nas mais diversas lojas e movimento como o *People of Print LTD*, cujo intuito inicial era de identificar e compartilhar o trabalho de pessoas que realizam obras com os mais diversos tipos de impresso, publicava sua primeira revista *Print isn't Dead*². Sites como *Stack Magazine* selecionavam revistas independentes em potencial e distribuíam para seus assinantes pois, de acordo com o fundador Steven Watson, existem pilhas e pilhas de revistas fantásticas por aí esperando serem descobertas³; outros como a *MagCulture* destinados à avaliação, resenhas e vendas de publicações independentes e que, alguns anos depois, abriria sua primeira loja física⁴. Em pequenas livrarias se via cada vez mais revistas independentes e publicações de novas editoras.

Aquele cenário trouxe muita curiosidade pois mesmo acreditando que apesar de existir uma forte tendência à digitalização com o surgimento de novas tecnologias, o impresso não morreria e passaria a ocupar novos papéis e significados. Não imaginava que iria presenciar um movimento forte de retomada dos mais diversos tipos dessa mídia em um só local, o que me fez questionar se era apenas um fenômeno local ou se espalhava pelo mundo afora.

Ao voltar para o Brasil em 2015 o panorama não era muito diferente daquele que havia deixado para trás no Reino Unido, feiras de publicações independentes se multiplicando e muitas delas tomando grandes proporções, à exemplo da Feira Plana em São Paulo que, em 2017, teve sua quinta edição com 250 expositores de vários países, surgimento de pequenas editoras, aumento de circulação de zines e o reaparecimento

1 Toma-se aqui o termo independente pela forma de publicação fora dos grandes circuitos do mercado. Incluindo a autopublicação onde o autor é responsável por todo o processo de construção – idealização, edição, finalização – e divulgação do livro até as pequenas editoras com tiragens limitadas.

2 Informação extraída do próprio site do People of Print. Disponível em: < <http://www.peopleofprint.com/about/> > Acessado em 01 Junho de 2017.

3 Informação extraída do próprio site da Stack Magazine. Disponível em: < <https://www.stackmagazines.com/about-stack/> > Acessado em 01 Junho de 2017.

4 Informação extraída do próprio site da MagCulture. Disponível em < <http://magculture.com/about/> > Acessado em 01 Junho de 2017. >

de técnicas de impressão que já não se viam há tempos, como o caso da Risografia⁵.

A valorização da publicação independente em pleno século XXI – período de grande transição do meio físico para o digital, do material para o imaterial, me intriga e me faz querer entender um pouco mais do porquê deste movimento estar acontecendo.

1.2 Caminho adotado

Primeiramente, procurou-se entender o porquê da revalorização do material impresso no circuito independente no mundo contemporâneo. Para isso foi necessário uma contextualização do período em que vivemos, período esse diretamente relacionado com as novas tecnologias.

É fato que a mídia que utilizamos para nos comunicar e trocar informações influencia quem somos e como nos relacionamos com o meio. Antes do surgimento do telefone e da internet, por exemplo, o acesso à informação era limitado, se comunicar a distância era mais difícil e tomava tempo. Hoje, com o aparecimento das novas tecnologias, podemos nos comunicar através de transmissões ao vivo, de mensagem instantâneas, tudo a partir de um único aparelho que cabe no bolso. Estas questões fazem parte do nosso dia-a-dia e estão diretamente conectadas com as formas de consumo e de como nos relacionamos, influenciando diretamente os mercados e também o mercado de publicações independentes.

O cenário de publicações independentes e dos impressos é muito rico e extenso. Para uma análise mais concisa e objetiva, definiu-se como foco de pesquisa os fotolivros e os fotozines. Toma-se como referências *“The Photobook: A history”*, publicado em 2004 e, no Brasil, *Fotolivros Latino-Americanos*, de 2011 além de pesquisas de editoras independentes, como a editora Vibrant especializada na produção de fotolivros.

5 A Risografia é um método de impressão criado no Japão, em 1986, pela RISO Kagaku Corporation. Técnica ideal para altas tiragens, devido à rapidez e ao baixo custo. A arte é gravada numa chapa de fibra natural, que por sua vez é enrolada no tambor responsável por liberar a tinta feita à base de óleo de soja, imprimindo a arte no papel. No que diz respeito às cores e às texturas, o resultado é semelhante à serigrafia, ainda assim é mais acessível, prática, rápida e ecologicamente mais sustentável.

1.3 Justificativa

Assuntos tratados aqui estão presentes no nosso dia-a-dia e muitos deles por serem ainda recentes possuem muitas incertezas teóricas como é o caso da expansão das feiras de publicação independente onde muito se ouve e se debate mas ainda não existe um consenso ou uma conclusão sobre o porquê da sua expansão. Procura-se com o projeto contribuir para as discussões referentes a um movimento que reivindica a importância daquilo que é tangível em plena era digital, período esse de tempos fluidos⁶ e efêmeros.

Procura-se olhar de forma positiva e reconhecer o valor do impresso no mundo atual e em nenhum momento desconsidera a importância das novas mídias e os avanços tecnológicos nesse processo, pelo contrário, acredita-se que ao invés de uma ocupar o espaço da outra elas passam a atuar juntas e se complementarem no mundo contemporâneo.

6 Aqui o termo “fluidez” é referente a metáfora utilizada por Bauman para caracterizar a natureza da presente fase. BAUMAN, Zygmunt. Modernidade líquida. Rio de Janeiro, Zahar Editor, 2001.

2. Objetivo

2.1 Objetivo Geral

Criação de publicações cujo tema central é o contraste entre a materialidade do impresso das publicações independentes e a tendência a uma virtualização e digitalização não só das ferramentas tecnológicas, mas das relações humanas no mundo atual – utilizando metáforas previamente definidas, onde o seu formato e temática explorem o imagético e promovam uma conversa como um todo e não apenas como meio de suporte textual.

2.2 Objetivos Específicos

- Caracterizar o mundo contemporâneo, a questão da efemeridade das relações e influência das tecnologias nesse panorama.
- Apresentar o impresso como linguagem e como material de experimentação, utilizando os fotolivros e fotozines como mídia representante e a partir de então analisar suas particularidades.
- Confeccionar publicações de diversos formatos atribuindo um caráter poético da relação entre o tangível – o material – e os tempos líquidos.

3. Processo metodológico

O projeto foi dividido em duas etapas de pesquisa. A primeira de análise de definições, teorias e fundamentações. A segunda parte de definição da temática a ser trabalhada seguida por pesquisas de referências visuais e práticas. E a terceira de execução gráfica e prática do projeto.

Na primeira parte da pesquisa foi necessário contextualizar o período em que vivemos para então compreender as relações dos indivíduos com o meio e as mídias. Na segunda etapa analisou-se o cenário de publicações independentes, com enfoque na publicação de foto-livros.

Após identificado a temática a ser trabalhada – o contraste de um movimento que busca o tangível em um mundo contemporâneo de relações efêmeras – foram analisados estilos fotográficos, estética de outras publicações, além de outros materiais como instalações de arte, fotografias, exposições, gifs e sites que foram selecionados e ajudaram a montar um painel semântico servindo de referência visual para a produção do material gráfico.

O produto final apresentado é composto publicações fotográficas e textuais que buscam valorizar a materialidade de um impresso na era do digital⁷, a própria escolha do formato utilizando-se diversos formatos, materiais, dobraduras e formas de impressão, reforça a discussão no decorrer do trabalho.

7 Expressão utilizada por Pierre Levy, filósofo e sociólogo francês cujo trabalho é voltado ao estudo das tecnologias digitais e como elas afetam a sociedade.

4. O efêmero

I - Da certeza para tempos incertos

“Vivemos em tempos líquidos. Nada é para durar(...)”

É assim que o sociólogo Bauman, descreve o período em que vivemos. A primeira vez que ouvi essa afirmação me causou um leve estranhamento. Mas a que realmente se referia essa liquidez? Bauman propõe a teoria da modernidade líquida, nela ele defende que a modernidade está em decadência, que hoje em dia nossas relações são inconstantes e efêmeras, tempos esses de instabilidade e flutuações socioeconômicos que levam a uma atmosfera de incertezas. Este mesmo período é denominado por alguns teóricos como pós-modernismo ou, como afirma Lipovetsky, Hipermodernismo. Para nos situarmos no espaço tempo e ter um panorama histórico, visualizando melhor onde e como chegamos, é necessário discorrer brevemente sobre a modernidade.

O período moderno na história ocidental está atrelado a revolução industrial, nesse período ideias que surgiram na revolução francesa embasadas por teorias iluministas tomam força e se estabelecem rompendo com o pensamento medieval vigente da época.

“(...) a idéia iluminista propõe estender a todos os indivíduos condições concretas de autonomia, em todas as esferas. Em outras palavras, ela é universalista em sua abrangência – ela visa todos os homens, sem limitações de sexo, raça, cultura, nação -, individualizante em seu foco – os sujeitos e os objetos do processo de civilização são indivíduos e não entidades coletivas -, e emancipatória em sua intenção – esses humanos individualizados devem aceder à plena autonomia, no tríplice registro do pensamento, da política e da economia.” (ROUANET, 1993, p. 33)

São esses valores iluministas de igualdade, laicidade e liberdade sempre guiados pela razão junto com o racionalismo cartesiano proposto por Descartes⁸ que sintetizam os principais pilares do

⁸ Filósofo, físico e matemático francês. Preocupava-se era com a ordem e a clareza e determinava que a ciência deveria ser prática e não especulativa. Em o “O Discurso Sobre o Método”, seu método de raciocínio, “Penso, logo existo”, é base para a filosofia e do racionalismo científico. “Nessa obra expõe as quatro regras para se chegar ao conhecimento: nada é verdadeiro até ser reconhecido como tal, os problemas

pensamento moderno. Esses ideais geraram uma atmosfera de otimismo onde o próprio indivíduo se torna responsável pelo seu progresso.

Para seguir adiante vale concluir que a modernidade “(...) provocou por toda parte uma dinâmica de secularização da cultura política, jurídica, ética, cotidiana, literária e artística, com cada um destes sectores a desenvolver-se segundo as suas necessidades e dinâmicas próprias”. (LIPOVETSKY; SERROY, 2010,p.17).

*

Após duas guerras mundiais e a decadência de grandes sistemas ideológicos-políticos marcados pelo fim da Guerra fria a atmosfera progressista que pairava no ar parecia estar chegando ao fim. Por volta dos anos 70 e 80 se via um esgotamento tanto estético quanto social e econômico da modernidade que perdurou nos anos posteriores. Lipovetsky e Serroy (2010, p.25-27) descrevem esse período que perdura até hoje como um período de “desorientação contemporânea” marcado pelo aumento do desencanto e a incerteza dos tempos da cultura-mundo⁹.

II - A fluidez do mundo contemporâneo

Um período cheio de incertezas, onde as barreiras se dissolvem e se confundem tanto no âmbito artístico quanto no geopolítico e inclusive critérios como da direita e esquerda se confundem e tornam-se cada vez mais fluidos (LIPOVETSKY; SERROY, 2010, p.27-28).

Essa mesma fluidez é caráter central no estudo de Bauman que utiliza do termo liquidez e fluidez como metáforas para tratar das relações sociais, econômicas e interpessoais no mundo atual pois nada mais justo considerá-las, já que a própria definição de fluido e líquido atrelado ao fato de que “não se atêm muito a qualquer forma e estão constantemente prontos (e propensos a mudá-la)...” e que “ fluem, escorrem, esvaem-se, respingam, transbordam, vazam, inundam, borrifam, pingam..” (2001,p.9) são características fundamentais dessa nova fase.

precisam ser analisados e resolvidos sistematicamente, as considerações devem partir do mais simples para o mais complexo e o processo deve ser revisto do começo ao fim para que nada importante seja omitido.” Descrição bibliografica disponível em: https://www.ebiografia.com/rene_descartes/. Acessado em 01 de Junho de 2017.

9 Expressão utilizada por Lipovetsky e Serroy para designar uma época de grande expansão das novas tecnologias, vinculadas a comunicação, informação e mediatização. LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. A cultura-mundo: resposta a uma sociedade desorientada. Lisboa: Edições 70, 2010, p. 14

Esta fase é impulsionada pelo surgimento de novas tecnologias que influenciam e estimulam diretamente o comportamento e valores da sociedade descritos acima. Barbosa (1985, p.xiii) descreve que o cenário pós-moderno é “essencialmente cibernético informático e informacional” afirmando que os avanços tecnológicos nos propõem sérias reflexões sejam elas éticas, políticas, culturais, ontológicas, científicas, etc. Toda essa virtualização da informação e processo tecnológico resultam em uma mudança global da civilização (LÉVY, 1999, p.16).

III - A tecnologia como caráter determinante

Ao falar das interações e do mundo contemporâneo é essencial tratar dos avanços tecnológicos, eles encurtaram as distâncias e diminuem as barreiras espaço-tempo. De repente o mundo ficou pequeno.

“Com o desenvolvimento das comunicações e dos hiper-média, muda a relação com o tempo e a distância, os grandes acontecimentos históricos ou desportivos são vistos em directo, tendo cada pessoa acesso imediato às imagens e às informações de todos os cantos do mundo. “A terra nunca foi tão pequena”, diz um anúncio de telemóveis. Passamos a estar ligados a todos independentemente do lugar, os recantos mais periféricos estão desencravados, o local está em contacto com o global: a cultura-mundo é a cultura de compreensão do tempo e da diminuição do espaço. Para além disso, os meios informáticos tornam possível a comunicação em tempo real, criando um sentimento de simultaneidade e de imediatismo que transcende as barreiras do espaço e do tempo.” (LIPOVETSKY; SERROY, 2010,p.21-22)

Nos comunicamos através de mensagem instantâneas, vídeos e fotos feitos em um momento que após visualizados são apagados por completo, ao mesmo tempo podemos ter acesso a tudo em qualquer aparelho uma vez que estejamos conectados no mundo virtual. Esse instante se torna volátil, efêmero e passageiro. Nossos relacionamentos agora transbordam, não existem mais barreiras físicas, agora ao comunicar compartilhamos um espaço virtual de comunicação efêmera (LÉVY, 1999, p.101). Caminhamos para o digital, cada vez mais dentro do mundo virtual, somos bombardeados com uma quanti-

dade exacerbada de conteúdo também tratado como “dilúvio informacional”¹⁰.

“É o transbordamento caótico das informações, a inundação de dados, as águas tumultuosas e os turbilhões da comunicação, a cacofonia e o psitacismo ensurdecedor das mídias, a guerra das imagens, as propagandas e as contrapropagandas, a confusão dos espíritos.” (LÉVY, 1999, p.13)

O digital influenciando e modificando as relações contemporâneas e a forma como assimilamos o conteúdo disponível para nós. O novo mundo cibernético é impermanente, instantâneo e fluido.

10 Termo utilizado por Pierre LÉVY. Disponível em: LÉVY, Pierre. Cibercultura. (Trad. Carlos Irineu da Costa). São Paulo: Editora 34, 1999. Acessado em 06 de Junho de 2017.

5. A matéria

I - O impresso no contra-fluxo

Caminhos e interações parecem estar cada vez mais fluidos, e efêmeros, saindo do físico e se virtualizando, percebemos um movimento contrário à essa corrente: a revalorização de publicações impressas. Apesar da função tradicional do impresso como meio de distribuição de informação ser afetado diretamente por essa digitalização e pelos avanços tecnológicos, isso não tem determinado o seu fim. Pelo contrário, a mídia digital apresenta novas oportunidades de formas híbridas, que se localizam em algum lugar entre a produção de mídia e a impressão análoga. (BROWN, 2014)

Esse movimento, impulsionou artistas e designers a utilizarem o material impresso como veículo e como uma excelente forma de experimentação e suporte para o trabalho. A busca pelo analógico, por aquilo que é tangível aumenta a cada dia. Câmeras *polaroids* estão em alta, surgem aparelhos que se conectam aos *smartphones* e permitem a impressão imediata das fotos tiradas. Em alguns países como os Estados Unidos e a Inglaterra observamos a ressurgência das livrarias independentes. Há uma valorização de técnicas de impressão analógicas como a letterpress¹¹. O setor de publicações independentes começa a expandir, é significativo o aumento das feiras de publicações independentes pelo mundo todo. Basta apenas digitar no campo de busca do Google “Feiras de Publicações Independentes” e veremos a enorme quantidade de eventos listados e sendo divulgados.

II - O cenário das publicações independente e os fotolivros

A. Contextualização

Cada vez mais aumenta o número de editoras, fora dos grande circuito do mercado editorial, produzindo de forma autônoma revistas, zines, livros de artista, fotolivros, quadrinhos, jornais etc. A autopublicação permite uma maior independência e grande flexibilidade de criação por parte do autor, artista ou editora. As Zines, por exemplo são um veículo, que já pela sua concepção,

11 Letterpress é um tipo de impressão feito através de tipos móveis.

não apresentam preocupação com o mercado. Permite uma maior liberdade e empoderamento do autor, que agora fica responsável por todo o processo desde a idealização, edição, finalização até a distribuição do produto final. Eles são responsáveis por todas as etapas do processo inclusive a de divulgação do seu trabalho. Esses esforços adicionais feito por parte dos autores para fazer com que sua obra seja conhecida e adquirida promove uma teia de interações movendo uma comunidade em expansão (Barros, 2015).

“(...) a autopublicação de fotolivros, a atuação de editoras independentes ou coletivos de artistas e a importância renovada do zine, mais especificamente do fotozine, estão despontando como celeiro de inovação e criatividade.” (BARROS, 2015)

É então que se forma uma rede de troca de trabalhos, compartilhamento de ideias fortalecido pelas feiras de publicações. Em um questionário promovido por Lila Cruz (2016) onde ela direciona perguntas para donos de editoras independentes, autores iniciantes e experientes sobre a sua participação de feiras de publicações independentes no Brasil, 63,2 % relatam que quase sempre participam de feiras, quando perguntados a quantidade de feiras por ano 56,4% participam de até três feiras e 25,6% participam até nove.

Como frequentadora assídua desse cenário e desde 2016 participando de eventos e feiras que valorizam os mais diversos tipos de publicação observo a formação de uma grande rede de interações. Editoras e coletivos participam frequentemente de eventos pelo Brasil todo, criando uma conexão com similares em nível regional, estadual, e mundial.

É claro o quão amplo é o estudo desse nicho. Para uma análise mais direcionada, decidi partir de um veículo presente e atuante nesse circuito para entender o que o torna atrativo e o porquê da sua revalorização. Escolhi os fotolivros com uma abertura para fotozines, explicarei o motivo adiante.

B. Sobre fotolivros, fotozines e livros de artista

Os livros que utilizam de narrativas fotográficas, diferentemente dos outros tipos de publicações presente no setor de publicações independentes como zines, jornais, revistas em quadrinhos, possuem poucos estudos realizados a seu respeito. Mesmo a sua produção em escala mundial sendo grande, foi apenas recentemente que

esse tipo de publicação começou a ser valorizada como obra cada vez mais prestigiada no meio artístico e utilizada como plataforma para experimentações no cenário das publicações independentes. Recentemente observa-se um novo pico de produção desse tipo de mídia e paralelo a ele uma crescente busca por tentar entendê-lo e estudá-lo criticamente. Entusiastas vêm publicando estudos a respeito, promovendo eventos de discussão, cursos e grupos de estudos.

*

Na história da fotografia sempre se buscou diferentes processos e formas de veiculação. É no século XIX que surgem as primeiras publicações que possuem fotos como o foco principal. Posteriormente o ato de criar livros com fotos se propagou, e nos anos 30 começamos a ver publicações como o *Atget – photographe* de Paris, um livro que reunia os trabalhos documental das ruas da cidade de Paris pelo fotógrafo francês Atget, ou o livro *American Photographs* (1938) do fotógrafo Walker Evans publicado pelo *The Museum of Modern Art* cujo trabalho buscava retratar os Estados Unidos daquele período. Desde então o formato e estrutura do livro vem sendo utilizado como uma importante ferramenta de veiculação do trabalho do fotógrafo.

Badger e Parr em seu livro *The Photobook: A history* (2005) um dos maiores estudos sobre publicações fotográfica descrevem que um fotolivro é um livro, com ou sem texto, onde a principal mensagem do trabalho é apresentada através da fotografia. Outra definição apresentada no livro, agora feita por Ralph Pins, descreve o fotolivro como uma forma autônoma de arte, equiparável a uma escultura, uma peça ou até mesmo um filme. Quando parte de um livro, a fotografia perde sua característica como obra singular e passa a integrar um evento dramático chamado de livro. Esta outra definição apresenta um viés onde sua estrutura e como foi editado importam, mas é o seu significado e a construção de um diálogo interno que são valorizados e que os diferenciam dos outros livros fotográficos.

*

Além de fotolivros existem os fotozines. A palavra fotozine têm origem na junção da palavra foto e fanzine. Os fanzines são um meio de comunicação impresso alternativo produzidos de forma independente, geralmente reproduzidas por meio de fotocópia. A origem da palavra zine vêm de fanzine que é um neologismo formado pela contração das palavras fanatic e magazine, ou revista de fan. De acordo com Magalhães (1996) esse nome já indica a

característica principal das zines. Trata de uma revista produzida e destinada aos fans, ou melhor dizendo, uma revista que trata de um assunto específico, destinada para pessoas do mesmo nicho. Mais tarde Guimarães (2005, p.5) apresenta uma definição mais completa, diz que os fanzines são o resultado da iniciativa e esforço de pessoas que se propõem a veicular produções artísticas ou informações sobre elas, que possam ser reproduzidas e enviadas a outras pessoas, fora das estruturas comerciais de produção cultural. Como podemos ver as definições se atrelam principalmente à forma como essa é produzida e veiculada.

Pode se dizer que, em primeiro plano, a diferenciação entre fotolivros e fotozines está relacionado com a forma que essa é produzida e veiculada. A qualidade da impressão, do tipo de papel não são prioridade para as fotozines, essas valorizam a facilidade de reprodução e o barateamento da produção, diferentemente de fotolivros, em que a qualidade é fundamental.

*

Livros de artista é outra nomenclatura recorrente para esta mídia. Feitos por artista onde o livro é o próprio objeto, de acordo com Drucker (1995, p. 2-3) são livros criados como uma peça de arte original e integram o sentido formal de execução e produção de um livro com a temática e estética em questão. Para ela a maioria dos livros de artista utilizam e tem total consciência da estrutura e forma do livro.

Como os fotolivros e as zines, os livros de artista floresceram nos anos 70 e 80 como cita Paulo Silveira (1989, p.31-32)

“Os anos 80 foram especialmente frutíferos ao livro-objeto, com reingresso dos ensinamentos das técnicas históricas de encadernação, subvertidos para colaborar com a constituição de uma linguagem, aliados ao retorno ao expressionismo na pintura”.

Com o passar dos anos tanto os livros de artista como as zines e fotolivros foram perdendo força. É então que no final da primeira década dos anos 2000, em plena era do digital esse movimento volta com força.

Após brevemente apresentada questões referentes a nomenclaturas e definições específicas, vemos que a discussão sobre o que é ou não um fotolivro é relevante para determinar o foco do projeto e melhor definição de uma área de recorte a ser trabalhada. Voltando ao panorama das feiras de publicações in-

dependentes – meio que me introduziu e chamou atenção para esse fenômeno – busquei analisar o que estava sendo produzido relacionado a publicações fotográficas. Pude perceber que a maior parte dos impressos poderiam ser definidos de forma semelhante, se pautavam em conceitualizações que se aproximavam a definições de livros de artista ou de conceitos de fotolivros que consideravam mais a narrativa do que a estrutura em si, como John Gossage (*The photobook: a history*, 2005) coloca que o fotolivro deve fazer com que todas as fotografias dialoguem entre si formando um universo conciso dentro do livro.

É importante também ressaltar o fotolivro como obra, como um objeto de valor artístico e compreender a forma de estrutura e narrativa proporcionadas pelo formato livro.

C. O apelo da publicação impressa

O livro como memória

“ Le papier souffre tout ” (“ o papel aguenta qualquer coisa ”) – ditado popular francês: O papel aguenta qualquer ideia, sofre calado qualquer discussão e jamais se rebela contra a pena, contra os dedos do digitador ou contra a tinta rápida da impressora “
(KARNAL, TATSCH, p. 15)

Como vimos anteriormente vivemos em períodos fluídos. As fotos saem do plano material e passam a ser armazenadas em CDs em computadores e agora também na nuvem – a representação da nuvem para armazenar nosso arquivo é muito conveniente, pois é a exemplificação do conteúdo que geramos saindo do meio físico e sendo armazenados em uma “nuvem”, um espaço intangível, que não conseguimos visualizar. Estamos produzindo cada vez mais dados.

Há de se ressaltar que essa tecnologia é responsável hoje por armazenar nossa “memória” e que ela muita vezes se torna obsoleta. Arquivos se corrompem, não podem ser mais abertos, como o disquete que a pouco tempo atrás era a forma mais utilizada para armazenar arquivos e que rapidamente foi sendo substituída por CDs, que também está se tornando ultrapassado.

É fato que sentimos falta da matéria, seres humanos são seres táteis, eles compreendem o mundo através do toque. (PENDER, 2015) – a matéria torna tudo mais real e completo – além disso aquilo que é escrito fixa mais. As páginas impressas agem como um backup, uma foto do tempo, capturando

um momento temporário e o transformando em um objeto de recordação concreto, físico (BROWN, 2014). Este seja um fator importante para a revalorização dos fotolivros, sendo o livro essencial para a arquivar do momento, a memória.

Experiência, narrativa e estrutura

*“Toque, cheire, escute, sinta: O impresso está vivo(...)”
(ZEEGEN, p.26).*

Outra quesito essencial que torna real a revalorização do fotolivreto é o seu apelo narrativo e sua estrutura. O toque, o cheiro, o virar das páginas faz com que o ato de ler um livro seja uma experiência única – uma conversa entre o livro e o leitor como Badger (2015) coloca “A familiaridade que o livro propicia, a sensação de uma conversa a dois, é ideal.”

Pender (2015) ressalta que impresso oferece uma experiência diferenciada. É sensorial, tanto o cheiro quanto o tato adicionam algo a mais ao conteúdo. Algo impresso parece fixar mais a atenção do observador do que algo online. A tela do computador cria uma distância entre a obra e o observador, enquanto que a tridimensionalidade do livro permite carregar consigo marcas de uso que atuam como um arquivo das trocas ocorridas durante o ato da leitura. (BROWN, 2014)

“ A tecnologia facilitou tanto a geração e o consumo de imagens que o público tem dificuldade em selecionar o que interessa para ele, a sobrecarga é cada vez maior e não existe qualquer controle sobre a qualidade do que é produzido, por isso é difícil se destacar apenas com uma publicação on-line. A procura pelo impresso reflete essa superexposição: o público procura algo mais selecionado, que possa ser apreciado com mais calma, sem tantas distrações. O impresso atualmente é a melhor maneira de se fazer notar, mesmo que seja em menor escala, servindo de cartão de visita e exposição ao mesmo tempo.” (BARROS, 2015)

Livros como meio alternativo de uma geração nascida no digital

Artistas e designer do novo milênio são nativos da era digital, acostumados com jogos, mensagens, postagens em redes sociais anseiam por experiências físicas reais. É uma geração que nasceu no

período digital, e sempre à procura de novos métodos, inusitados e inovadores. Para eles o analógico seria “o novo”. O impresso – físico e tangível – entra nesse cenário como meio de acesso aos artistas para um novo mundo de experimentações. (ZEEGEN p. 27) Os fotolivros caminham junto com esse movimento, fotógrafos e artistas vêm buscando novas formas de expressar suas ideias e muitos deles encontram seu caminho na narrativa fotográfica que um livro proporciona. O fotolivro vem se reinventando e ganhando importância como uma ferramenta do artista, para sua narrativa que é enxergada por eles também como uma forma de conquistar maior relevância e diversidade junto às instituições e visto como um nicho de mercado para muitas editoras (BARROS, 2015)

Entretanto, para esse “novo mundo de experimentações” onde a materialidade e narrativa que o formato de um livro proporciona, não cabe a exclusão de uma mídia anterior – no caso a digital – e sim da complementação das duas. O mundo digital com a sua conectividade e a interatividade entra como suporte à mídia impressa nesse panorama.

“(...) o virtual e o real não estão mais em lados opostos, são complementares e interdependentes.”
(BARROS, 2015)

6. Referências Visuais

Ao decorrer do projeto alguns trabalhos, livros, fotografias, instalações, entre outros materiais, chamaram atenção tanto pela temática quanto pelos elementos visuais, narrativos e projeto gráfico. Durante o processo de pesquisa, o painel semântico apresentado abaixo serviu de guia visual para a realização das peças gráficas.

Em seguida alguns trabalhos foram analisados com maior profundidade e os mais relevantes serão aqui apresentados.

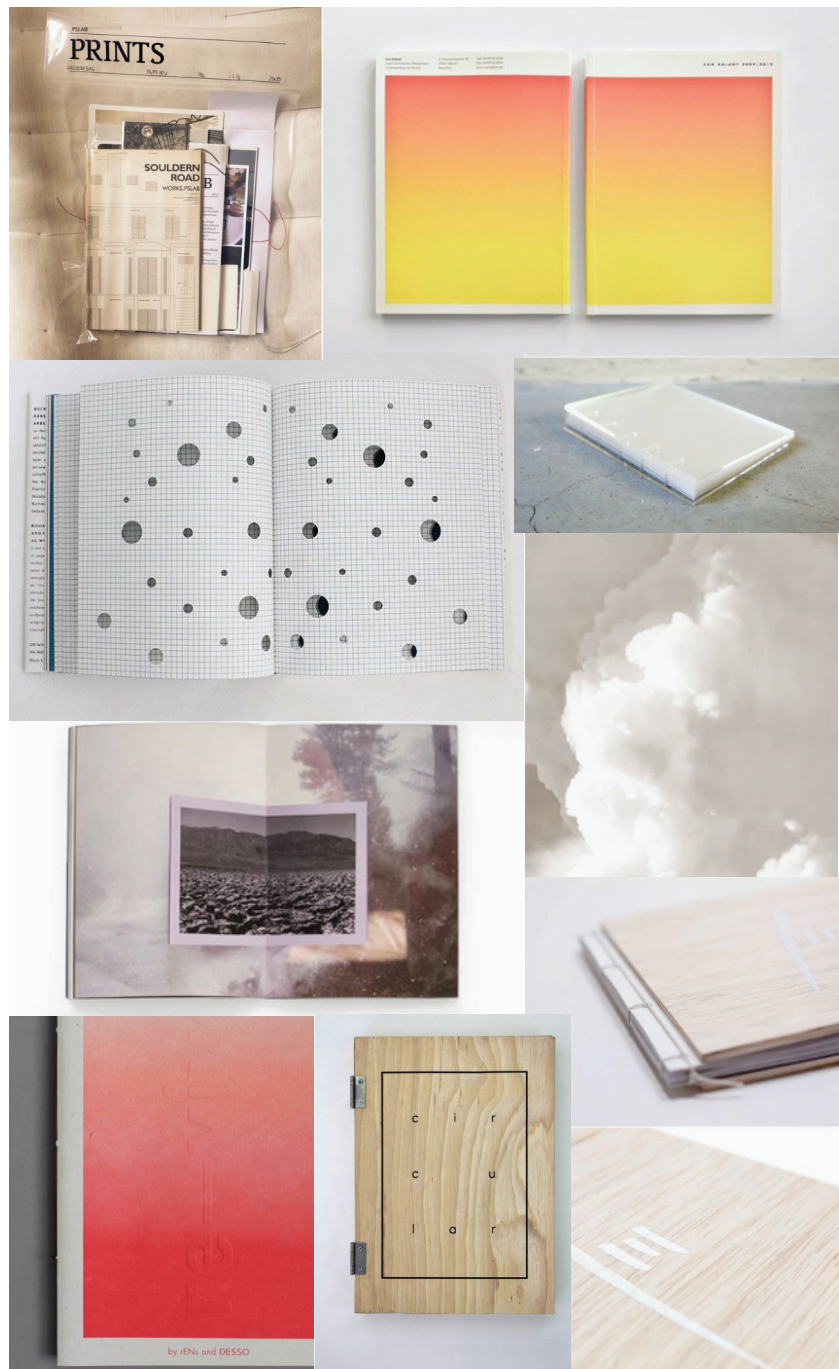


Figura 1: criada à partir de imagens selecionadas no site Pinterest.

Uma das primeiras referências foi a exposição *How to Water*. Com curadoria feita por Shelley Holcomb e Theo Triantanfyllidis, reunia uma mostra de 16 trabalhos compostos por instalações, vídeos, gifs e projeções onde juntos procuravam confrontar as características do ciberespaço relacionando-as metaforicamente com a água e suas propriedades físicas (PALOP, 2015). A exposição orienta os visitantes a explorar e questionar a materialidade, a fluidez e a temporalidade, características atribuídas pelos curadores à internet e à água.



Figura 2 e 3:
Fotos da ex-
posição por Theo
Triantanfyllidis

A série de instalações denominadas *Nimbus* do artista holandês Berndnaut Smilde é outra referência fundamental. Seu trabalho consiste em explorar os estados impermanentes do ser e geralmente busca uma dualidade na sua obra – proposta, nesse caso, por colocar algo que deveria estar em um lugar aberto em um ambiente fechado – que ele documenta através da fotografia. Nessa instalação ele utiliza uma máquina de fumaça combinada com o ajuste de temperatura e umidade para formar uma nuvem que dure o tempo suficiente para fotografá-la, dando um caráter efêmero para o seu trabalho quando a fotografia captura um breve momento antes das nuvens se dissiparem, da mesma forma como surgiram (ARTDAILY, 2017).

Figura 4: Foto *Nimbus Dumont*, tirada por Berndnaut Smild em 2014



Figura 5: Foto *Nimbus*, tirada por Berndnaut Smild em 2010



Outra referência são os fotolivros do fotógrafo Hiroshi Sugimoto que trabalha apenas com séries fotográficas. Sugimoto trabalha com temáticas diferentes mas de concepção e execução parecida – repetição de um ponto estático. (BADGER,2005) Em dois de seus foto-livros, *Theaters* e *Time Exposed* a temática central gira em torno do tempo. O tempo em *Theaters* é dado através do tempo de exposição de cada foto – o tempo de abertura do obturador é a duração do filme a ser fotografado, as fotografias dentro do foto-livro são apresentadas de forma tradicional – preserva o formato original da foto com uma área de respiro grande e posicionamento estático no centro da página. Graficamente pode-se atribuir características similares ao *Time Exposed* a diferença se dá na estrutura pois aqui as páginas estão soltas, armazenadas em uma caixa com tampa e na temática que, desta vez, trata o tempo no sentido histórico, busca fotografar paisagens que não tenham mudado muito com o tempo – no caso o mar seu horizonte.

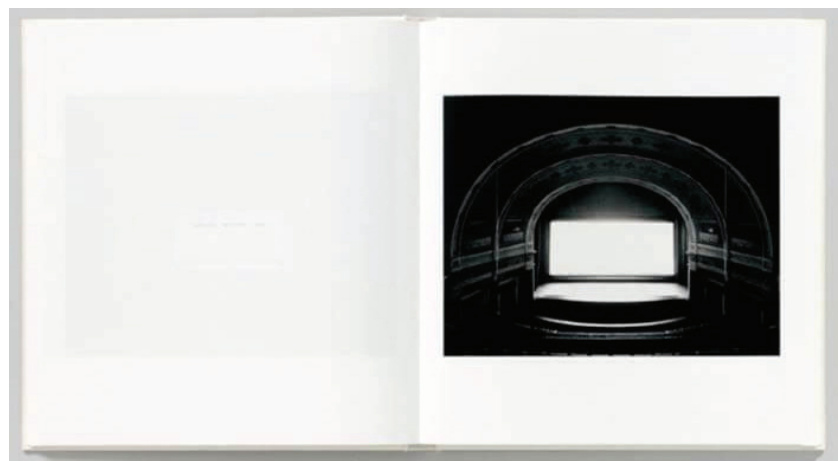


Figura 6: Página
do livro *Theaters*



Figura 7: Gravura
do livro *Time
Exposed*

A última referência trazida aqui é o foto-livro Caminho da editora independente Elefante sashimi e projeto fotográfico da Mariana David. A relevância desse trabalho se dá pela sua estrutura e construção narrativa. Ele explora o tato utilizando diferentes textura de papel, deixa sua costura tanto interna quanto a da lombada aparente dando um caráter mais artesanal e deixando o leitor mais próximo de como as páginas estão entrelaçadas. Ele foge do caráter convencional de posicionamento de fotos da página, sobrepõe, sangra e desloca imagens na página, contrasta tamanhos e formatos de fotos diferentes, desloca fotos, tudo isso cria um ritmo rico responsável por unificar todos os elementos narrativos presentes na obra.



*Figura 8: Capa
do fotolivro
Caminho.*



*Figura 9:
Páginas interna
do fotolivro.*



Figura 10 e 11:
Páginas do mes-
mo fotolivro.

7. O projeto

O projeto gráfico entra como ferramenta para ilustrar o que foi previamente analisado, apresentando dois níveis a serem trabalhados. O primeiro textual, são apresentadas questões que caracterizam o mundo contemporâneo em contraponto ao movimento de publicações independentes. O segundo nível, não textual e imagético, são utilizadas metáforas para tratar do conteúdo previamente apresentado no primeiro nível.

I - Matéria e o efêmero

Para o primeiro nível do projeto foi desenvolvida uma publicação, em formato de zine, e posters que procuraram ressaltar a dualidade presente nesse tema e apresentar o que foi pesquisado em uma publicação de forma mais dinâmica e ilustrada facilitando o entendimento do tema.

Produto final

O miolo da publicação, tamanho 11,5 cm X 20,5 cm, tem dois lados: um lado fala sobre a matéria, o impresso e o cenário de publicações independentes; o outro fala sobre o intangível, o mundo contemporâneo, digital e efêmero. Quando os dois temas se encontram no centro é apresentado uma prévia dos estudos fotográficos realizados dentro de outra zine. Foram feitos seis posters, tamanho 29,7cm x 42cm, que complementam o que foi abordado na publicação acima. Ambos os materiais utilizam de ornamentos gráficos inspirados na desconstrução das grades de alinhamento presentes em máquinas fotográficas.

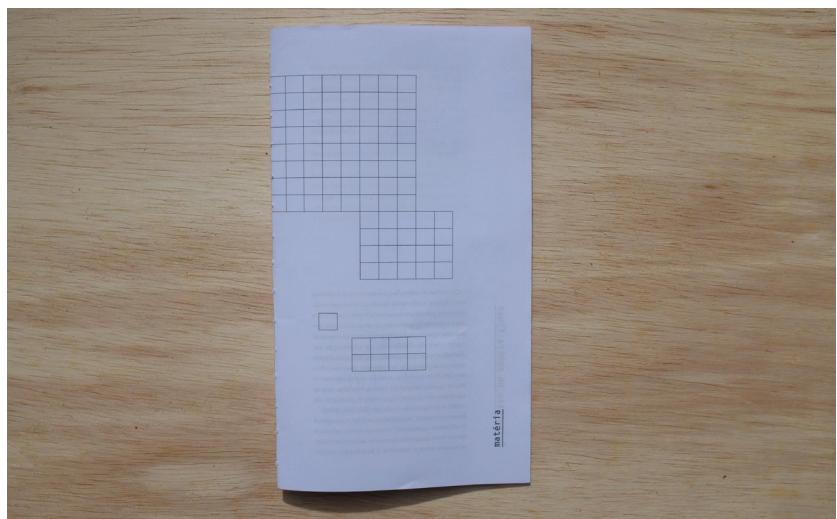


Fig. 12: Capa zine
lado Matéria.

Fig. 13: Capa zine lado Efêmero.

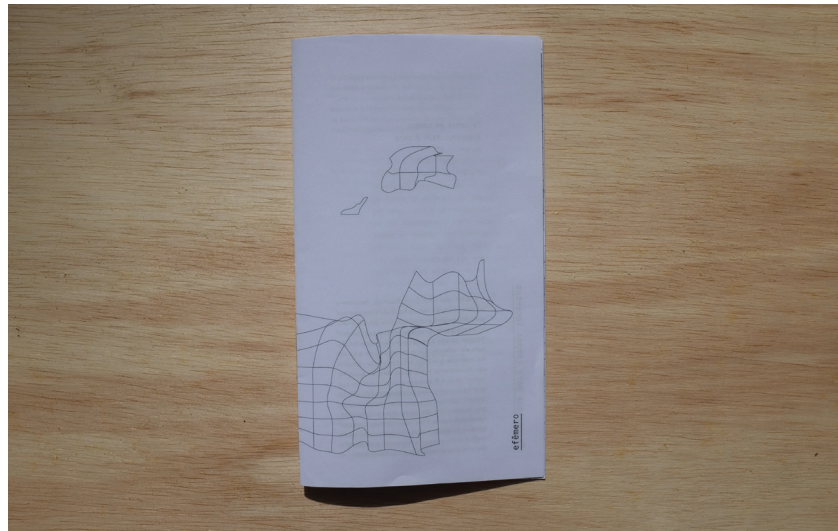


Fig. 14: Detalhe da capa zine lado Efêmero.

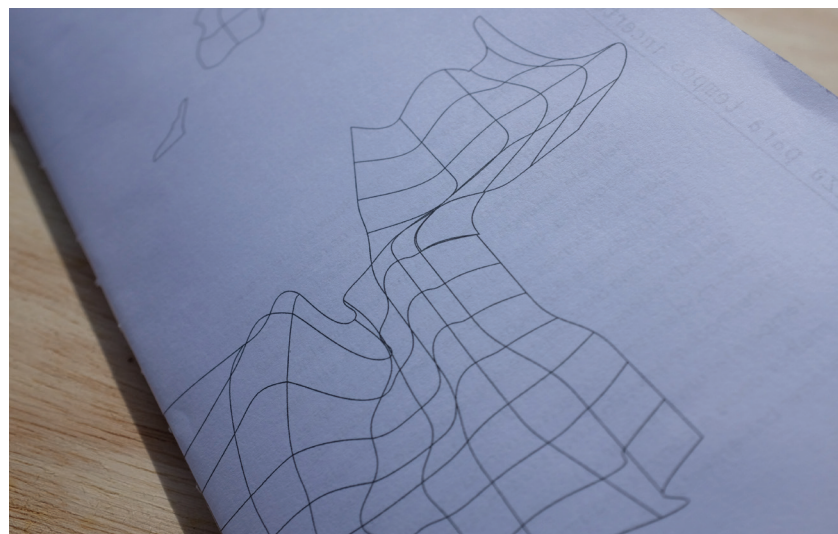


Fig. 15: Miolo da zine lado Matéria.



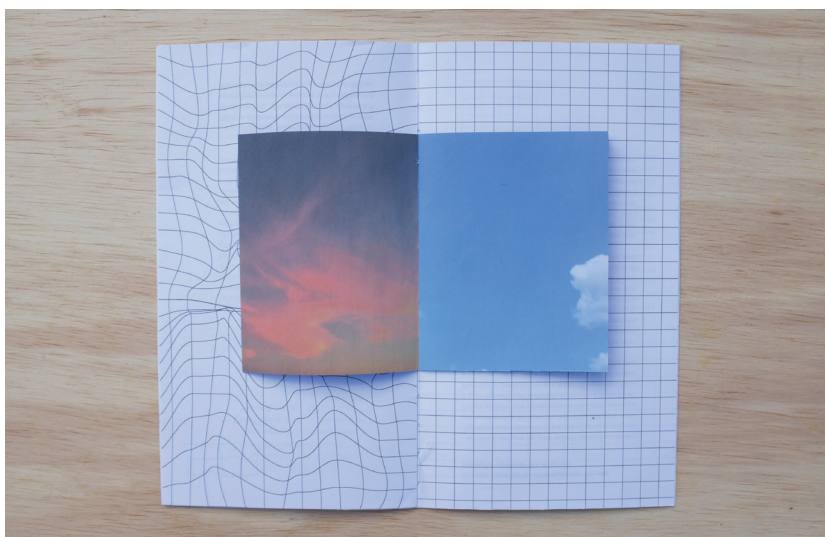
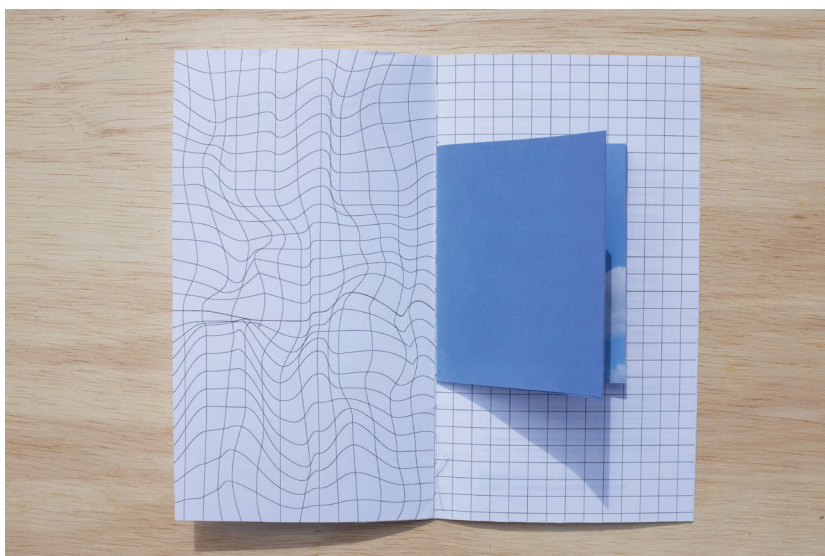


Fig. 15 e 16 :Mini Zine costurada no centro da publicação com uma prévia dos estudos fotográficos sobre céu.

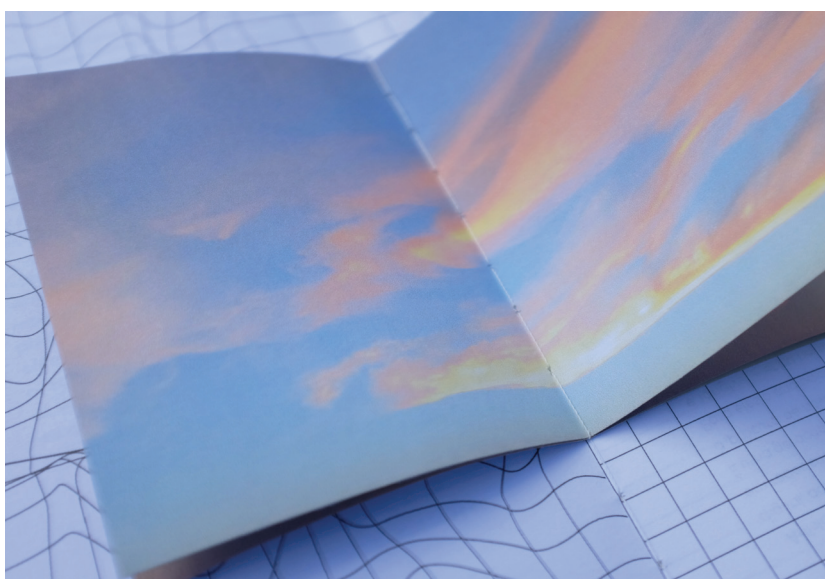


Figura 17: Detalhe da costura.

Figura 18:
Posters matéria e efêmero.



Figura 19:
Detalhe fivela.



Figura 20:
Detalhe postêr 1
Efêmero.

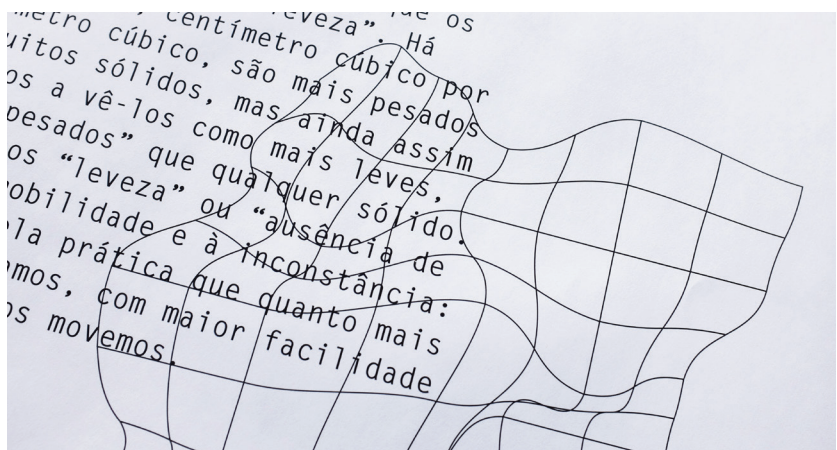
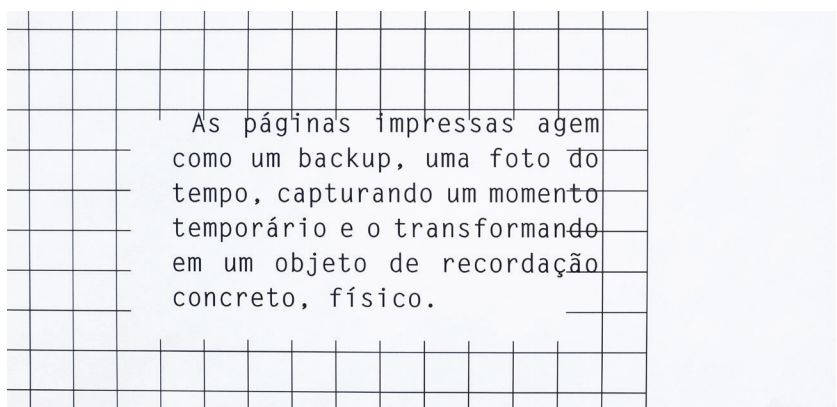
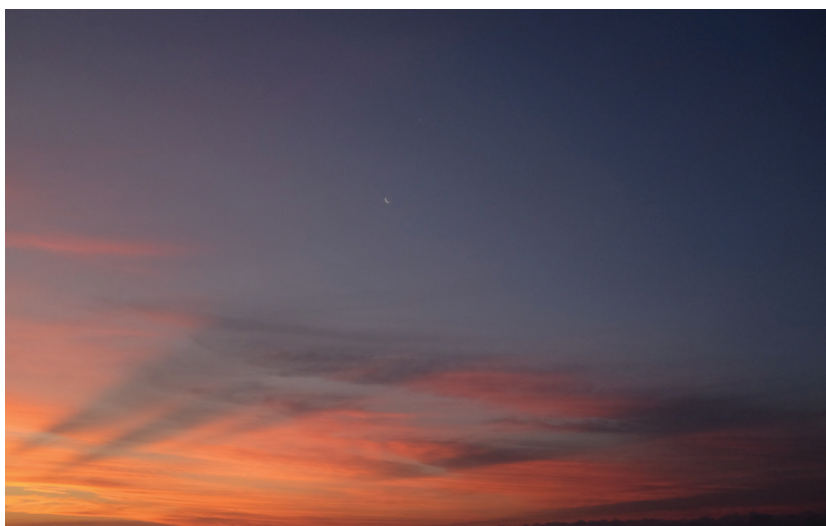
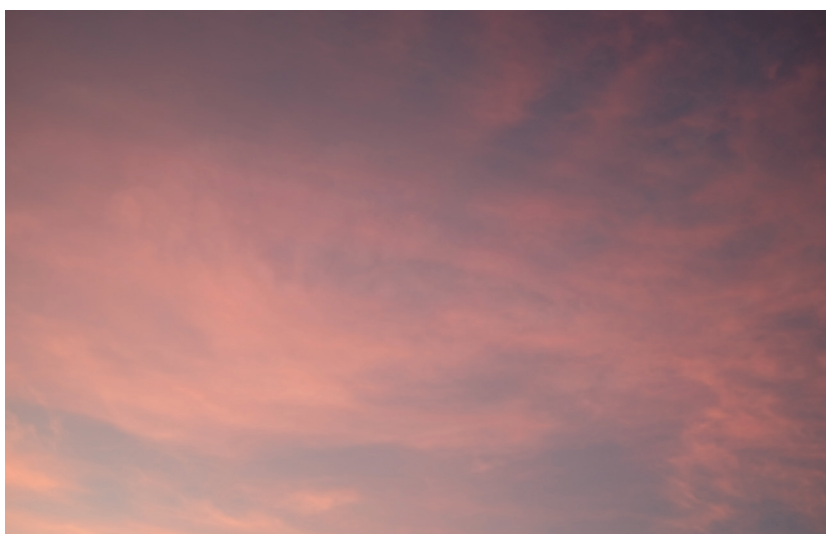
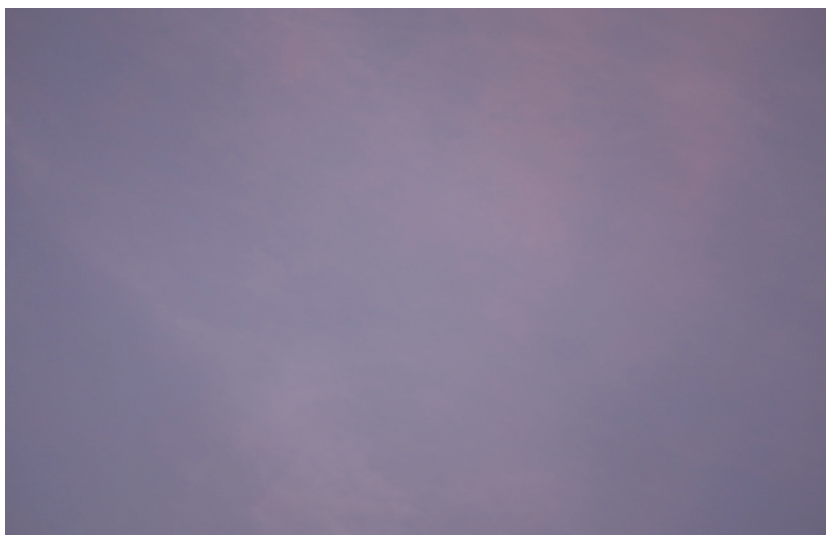


Figura 21:
Detalhe postêr 1
Matéria.





*Fig. 22, 23 e 24:
Verso posters 1
e 2 Matéria e 1
Efêmero.*

II - Alegorias

No segundo nível são utilizadas metáforas para tratar das questões apresentadas no primeiro nível, são adotadas alegorias. O formato escolhido – fotolivros e zines – é a primeira alegoria utilizada. “A forma é parte integrante do conteúdo” (BADGER, 2015). O caráter físico, real que o impresso propõe, além da sua importância para o cenário de publicação independente, entra aqui como uma boa forma de representação desse movimento e afirmação da importância do material impresso em uma publicação. O céu é a segunda alegoria, utilizada para tratar do quesito efêmero da contemporaneidade.

Em um dia ensolarado olho para o céu. Céu azul claro iluminado e com algumas poucas nuvens no céu. Mais atenta agora observando essas nuvens percebo que, caminham numa velocidade acelerada e, em questões de segundos, tomam formas completamente diferentes. No mesmo dia, agora ao anoitecer, olho para o céu e vejo que aquele tom azul claro foi substituído por um gradiente formado pelo mesmo azul de antes e um alaranjado. Agora, com mais nuvens que dessa vez caminham lentamente. Em questões de minutos o gradiente muda e tons de magenta são adicionados nessa combinação. As nuvens estão quase na mesma posição que antes, movendo-se lentamente mas agora os tons de azul, magenta e alaranjado são substituídos por um azul escuro, que se espalha por todo o céu, ficando cada vez mais escuro até tudo virar breu.
(fragmentos extraídos de anotações feitas no dia 08 de abril de 2017)

Ao descrever esses momentos que duraram algumas vezes segundos, outras minutos ou horas, percebo que o céu seria uma perfeita representação da fluidez que tratamos até então. Ora, não seria a principal característica do efêmero o seu caráter momentâneo e transitório? Esses atributos são perfeitamente cabíveis ao particularizar o céu e seu caráter impermanente e imaterial.

Protótipos

O primeiro protótipo foi de uma zine, tamanho 74 mm X 105 mm, a ideia era explorar um breve momento e as diferentes possibilidades que esse instante do “mesmo” céu apresenta. Foram fotografadas momentos opostos por 180° graus na mesma altura. O formato sanfona funciona como um zoom na foto, faz com que o leitor veja cada componente da foto separadamente e depois o todo. Ao fim abre-se e permite a comparação dessas duas fotos realçando o contraste visual entre elas. A ideia foi aperfeiçoada adiante e utilizada na composição de um posterzine.

Fig. 25: Foto
página da zine,
lado A.



Fig. 26: Foto
página da zine,
lado B.

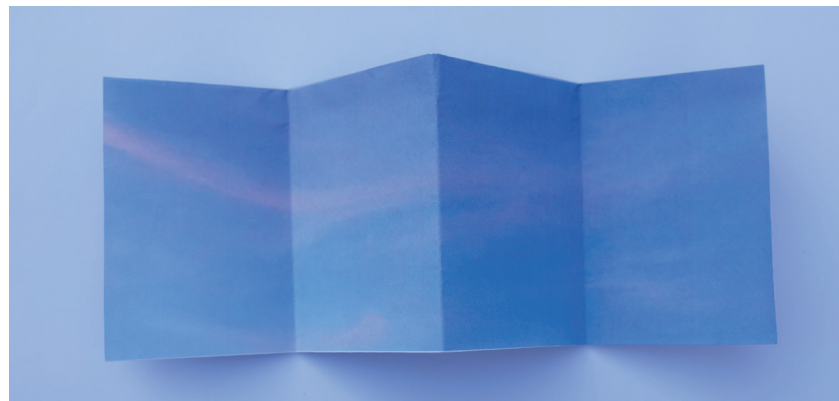


Fig. 27: Foto zine
aberta.



O segundo foi de uma posterzine, tamanho 10,5 cm X 14,8 cm, a ideia era captar a característica transitória de um pôr-do-sol. Foram utilizadas fotos de momentos distintos de um mesmo pôr-do-sol e dobraduras diferentes que ao final formavam um pôster, tamanho 29,7 cm X 42 cm. Essa ideia foi descartada por não conseguir representar essas características.



Fig. 28 e 29: Foto páginas da zine.



Fig. 30: Foto zine aberta.

O terceiro foi uma publicação composta por um fotolivro em formato de acordeão, tamanho 14,8 cm x 21cm fechado, e imagens avulsas do gradiente extraído dessas fotos unidos por uma capa com bolsões feita em papel vegetal. Com esse trabalho buscava mostrar o quão diverso poderia ser os formatos as cores e as texturas de um céu, além disso buscava destacar o gradiente de cada foto por meio de imagens avulsas. Essa ideia foi descartada pela falta de conexão entre as fotos, faltou uma união entre os elementos que contassem uma história e criassem uma narrativa.



Fig. 31: Foto do envelope em papel vegetal e da zine fechada.

Figura 32: Foto da zine aberta.



O quarto e último protótipo procurou trabalhar a idéia utilizada no terceiro, mas em um formato diferente. Procurou um formato sanfonado, e em um lado apresentou fotos do céu em horas e dias diferentes e do outro o gradiente extraído da mesma foto. A ideia foi descartada pelo mesmo motivo da outra, uma falta de conexão entre os elementos que dificultou o entendimento da peça.



Fig. 33: Foto da zine aberta

Produtos Finais

- 60'

“Os fluidos não se atêm muito a qualquer forma e estão constantemente prontos (e propensos) a mudá-la.”
(BAUMAN, 2001)

A partir desses dizeres foi concebido esse fotolivro, no qual se explora a transitoriedade e a efemeridade, presentes no mundo contemporâneo, do céu através da fotografia de um pôr-do-sol. Para isso foram tiradas fotos de 1 em 1 minuto na mesma posição. O resultado é uma série de fotos que capta cada instante mostrando a variação dessa transição. A disposição das fotos foi inspirada em um flipbook reforçando a ideia de movimento da publicação. Explorou-se o branco e o mínimo possível de informação textual para além de enfatizar a foto deixar com que a história seja contada através delas. O recorte da capa, papel poroso e costura manual atribuem textura e um apelo tátil a obra.

Fig. 34: Capa do fotolivro.

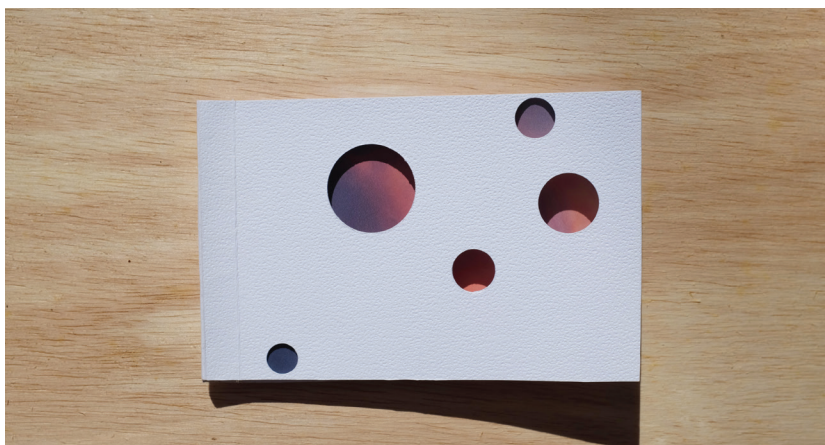
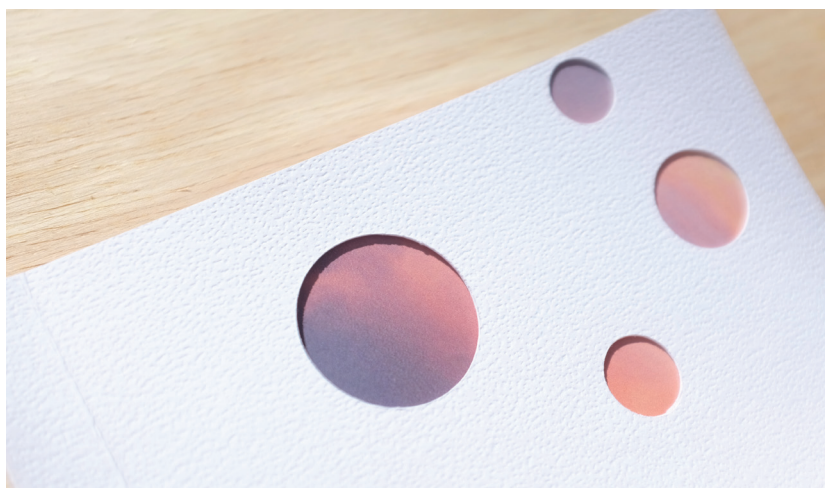
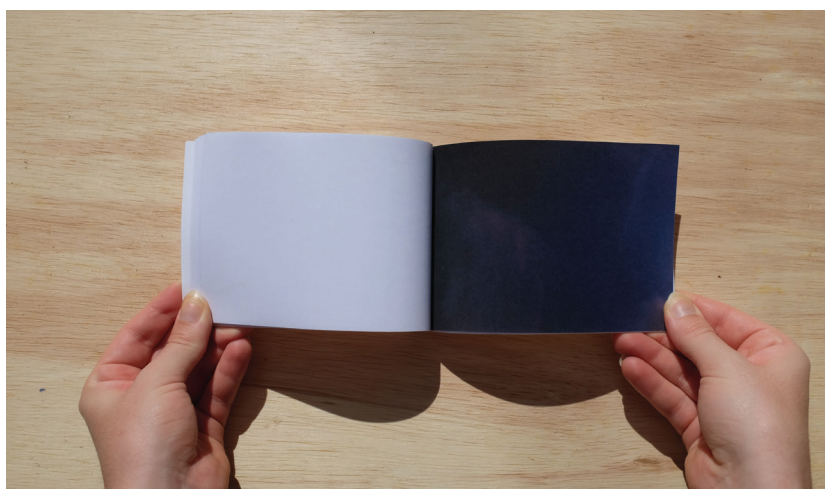


Fig. 35: Detalhe da Capa do fotolivro.





*Fig. 36, 37 e 38:
Páginas do
fotolivro.*

- Breve

No fotolivro 60” umas das características principais que ressalta o quão breve passará um momento registrado e esse instante pode apresentar uma riqueza de informações que da mesma forma com que aparecem se esvaíam é o gradiente. A riqueza e variedade da coloração presente em um pôr-do-sol é impressionante porém alguns fatores muitas vezes dificultam a visualização como nuvens, vegetações, fiações e prédios. Como seria se extraísse todas essas informações externas da imagem deixando apenas o gradiente? Dessa pergunta que surgiu está publicação, a partir de uma série de fotos de um pôr-do-sol escolhi um quadrante mais extremo dos dois extremos da mesma imagem e produzi uma publicação apenas com a variação dessas tonalidade ao folhear de páginas.

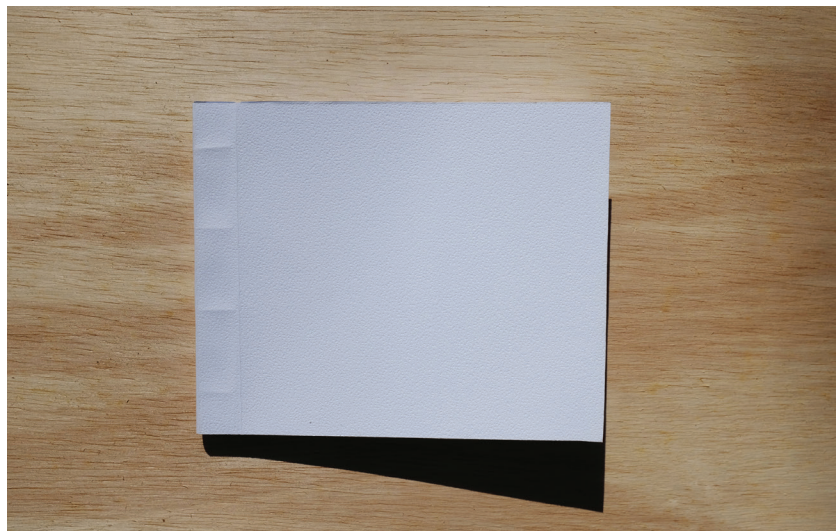
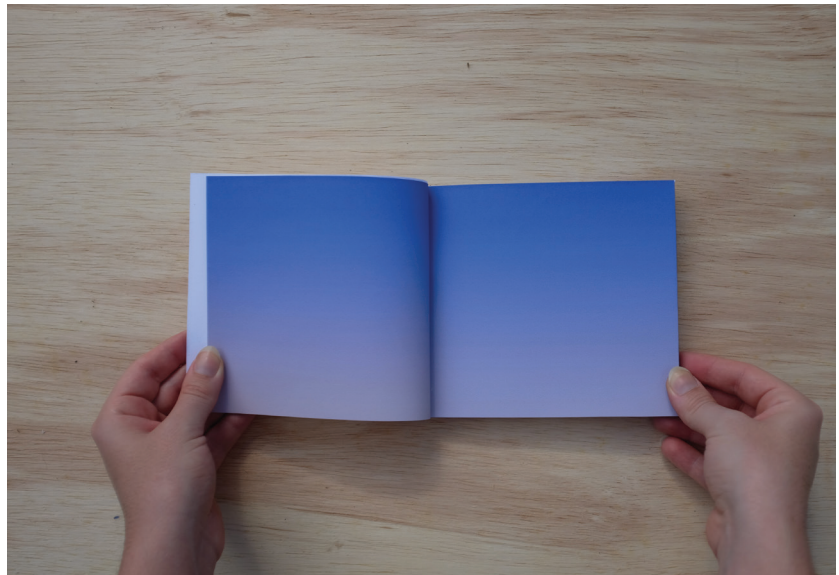


Figura 39: Capa da publicação



Figura 40: Capa da publicação



*Fig. 41 e 42:
Página da
publicação.*



*Fig. 43: Detalhe
da página.*

- Aquilo que flui

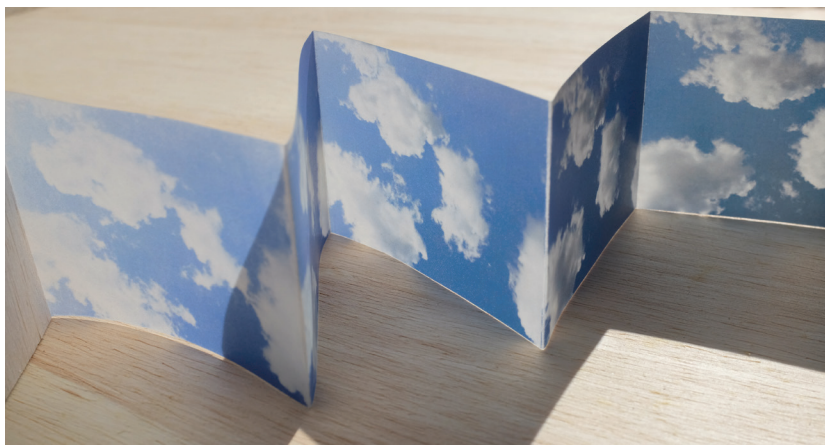
A mobilidade dos fluidos e a sua associação com a leveza serve como tema para essa publicação. A fotografia das nuvens tiradas de 10 em 10 segundo mostram o caráter passageiro e efêmero do céu. Buscou-se o contraste entre essa leveza e a materialidade do impresso, para isso foram utilizados materiais que realçam essa característica. A madeira símbolo da solidez, de algo nem um pouco maleável, vem em contraponto a flexibilidade do papel vegetal utilizado no miolo.



Fig. 44 e 45: Capa e contracapa da fotozine, respectivamente.



Figura 46: Miolo da fotozine.



- Simultâne

Um livro transparente (acrílico/ acetato) no qual as informações são recebidas de uma só vez – um dilúvio de informações. Ao mesmo tempo posso folhear o livro e destrinchar cada parte aos poucos. O material utilizada é elemento essencial da história contada.



Figura 47: Capa da Publicação.



Figura 48: Publicação aberta.



Figura 49: Detalhe da Publicação.

Todas as peças produzidas são armazenadas em um envelope feito de plástico bolha. O plástico bolha é um material bastante interessante para o projeto devido ao seu formato – nos remeter à nuvens; sua leveza e por armazenar ar – um elemento imaterial.



Figura 50 e
51: Fotos da
embalagem.

*Figura 52: Foto
de todas as
publicações.*



8. Conclusão

Por meio da elaboração de materiais e publicações impressas, o projeto buscou ressaltar a importância do caráter físico, tridimensional e sensorial que o impresso propicia. Além disso, esclarece que o surgimento de novas tecnologias não substitui a publicação impressa, pelo contrário, eles coexistem e se complementam no mesmo espaço.

Buscou contribuir com os estudos referentes à publicações independentes de uma ótica diferente, propondo uma dualidade provocada pela fluidez da era digital – do mundo contemporâneo – e da materialidade da publicação impressa.

A escolha do foto-livro como objeto de estudo foi pelo seu quesito prático como, por exemplo, a sua atuação e importância no cenário de publicações independentes, mas também por atribuir um caráter pessoal ao projeto devido ao meu interesse pelo mundo fotográfico, além de delimitar uma área a ser trabalhada. A utilização de metáforas e ornamentos apresenta-se como suporte visual para a pesquisa realizada e estão diretamente relacionados com o tema, atribuindo um viés poético ao projeto.

Em um futuro próximo, as pesquisas realizadas podem servir de base para um aprofundamento teórico relativo ao estudo da revalorização das publicações independentes.

9. Bibliografia

Livros

ATGET, Eugène; Campany, David; Ladd, Jeffrey; Mac Orlan, Pierre. Atget: photographe de Paris, 1930.

BAUMAN, Zygmunt. Modernidade líquida. Rio de Janeiro, Zahar Editor, 2001.

EVANS, Walker. American Photographs, 1938

FERNÁNDEZ, Horácio. Fotolivros latino-americanos, Cosac Naif, 2011.

LÉVY, Pierre. Cibercultura. (Trad. Carlos Irineu da Costa). São Paulo: Editora 34, 1999. Disponível em: <<https://mundonativo-digital.files.wordpress.com/2016/03/cibercultura-pierre-levy.pdf>> Acessado em 01 de Junho de 2017.

LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. A cultura-mundo: resposta a uma sociedade desorientada. Lisboa: Edições 70, 2010.

LYOTARD, Jean-François. O Pós-moderno. José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1979 Disponível em https://monoskop.org/images/b/bf/Lyotard_Jean-Francois_O_pos-moderno_3a_ed.pdf. Acessado em 01 de Junho de 2017.

PARR, Martin; BADGER, Gerry. The Photobook: A History Volume 1. London: Phaidon, 2005.

ROUANET, S. P. As razões do Iluminismo. São Paulo : Companhia das Letras, 1987.

SMITH, Macroy; COOKE, Andy. People of Print: Innovative, Independent Design & Illustration. United Kingdom: Thames & Hudson Ltd, 2015

SILVEIRA, Paulo. A Página Violada: Da ternura à injúria na construção do livro de artista. Porto Alegre, Editora da UFRGS, 2008.

Revistas e artigos

ARTDAILY. Exhibition of new works by Dutch artist Berndnaut Smilde opens at Ronchini Gallery. <<http://artdaily.com/news/69438/Exhibition-of-new-works-by-Dutch-artist-Berndnaut-Smilde-opens-at-Ronchini-Gallery#.WUHPOxPyuRs>>

BADGER, Gerry. Por que fotolivros são importantes. Revista Zum, 2015.

BARBOSA, Willmar do Valle. Tempos Pós-Modernos. O Pós-moderno, P. viii- ix. José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1979 Disponível em <https://monoskop.org/images/b/bf/Lyotard_Jean-Francois_O_pos-moderno_3a_ed.pdf> Acessado em 01 de Junho de 2017.

BARRIOS, Tito. O mercado fotográfico alternativo: Entre fotolivros e fotozines, 2015

BRESSANE, Ronaldo. Editoras independentes sobrevivem à crise no mercado editorial. Jornal Estadão, 11 de março de 2017. Disponível em: <<http://alias.estadao.com.br/noticias/geral,editoras-independentes-sobrevivem-a-crise-no-mercado-editorial,70001693530>> Acessado em 17 de março de 2017

BROWN, C. Cyberspace. Print isn't dead, Londres, Element #002, p. 32–33, 2015. Disponível em: <https://issuu.com/peopleofprint/docs/print_isnt_dead_element_002_issuu_f> Acessado em 01 de maio de 2017

GUIMARÃES, Edgar. Fanzine. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2005

LÉVY, Pierre. (1997). Cibercultura. São Paulo: Editora 34 Ltda, 1999. Disponível em: <<https://mundonativodigital.files.wordpress.com/2016/03/cibercultura-pierre-levy.pdf>> Acessado dia 06 de junho de 2017.

MAGALHÃES, Henrique. O que é Fanzine. Coleção primeiros passos, nº 283 São Paulo, Brasiliense, 1993

PENDER, Danielle. Print Is Dead! Long Live Print!. People of Print: Innovative, Independent Design & Illustration, p. 18-19.

United Kingdom: Thames & Hudson Ltd, 2015

SHANNON, Elizabeth. The Rise of the Photobook in the Twenty-First Century, 2010

ZEEGEN, Lawrence. A life in Print. People of Print: Innovative, Independent Design & Illustration, p. 26-27. United Kingdom: Thames & Hudson Ltd, 2015

Recursos online

LAMBERT, Leticia. Fotolivro ou livro de artista? Eis a questão, 2015

<<http://www.dobrasvisuais.com.br/2015/06/fotolivro-ou-livro-de-artista-eis-a-questao-por-leticia-lampert/>>

MAG CULTURE site. About. Disponível em: <<http://magculture.com/about/>> Acessado em 01 Junho de 2017.

PALOP, Benoit. How to Water. <https://creators.vice.com/en_us/article/how-to-water> Acessado em 05 de fevereiro de 2017.

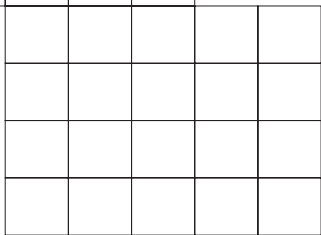
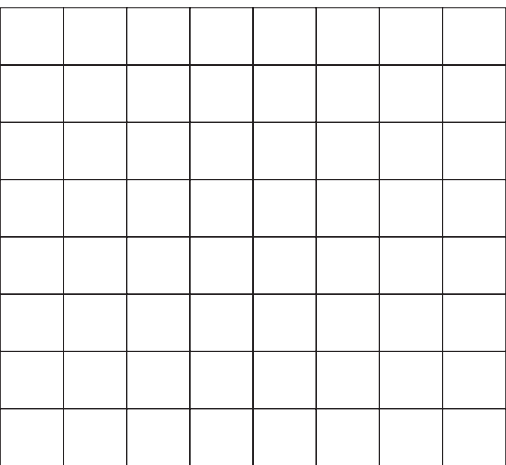
POWER, Petra. Capturing the Ephemeral: Berndnaut Smilde's Surrealist Photographs of Indoor Clouds. <<https://theculturetrip.com/europe/the-netherlands/articles/capturing-the-ephemeral-berndnaut-smilde-s-surrealist-photographs-of-indoor-clouds/>> Acessado em 01 Junho de 2017

PEOPLE OF PRINT site. About. Disponível em: <<http://www.peopleofprint.com/about/>> Acessado em 01 Junho de 2017.

PANE, Peri. (2017) Quinta Edição da Feira Plana recebe cerca de 18 mil visitantes. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2017/03/1868060-quinta-edicao-feira-plana-recebe-cerca-de-18-mil-visitantes.shtml>> Acessado em 01 de Junho de 2017.

POLAROID site. About. Disponível em: <<http://polaroid.com/about-us>> Acessado em 01 Junho de 2017.

STACK MAGAZINE site. About. Disponível em: <<https://www.stackmagazines.com/about-stack/>> Acessado em 01 Junho de 2017.



matéria

Caminhos e interações parecem estar cada vez mais fluidos, e efêmeros, saindo do físico e se virtualizando, percebemos um movimento contrário à essa corrente: a revalorização de publicações impressas. Apesar da função tradicional do impresso como meio de distribuição de informação ser afetado diretamente por essa digitalização e pelos avanços tecnológicos, isso não tem determinado o seu fim. Pelo contrário, a mídia digital apresenta novas oportunidades de formas híbridas, que se localizam em algum lugar entre a produção de mídia e a impressão análoga. (BROWN, 2014)

Esse movimento, impulsionou artistas e designers a utilizarem o material impresso como veículo e como uma excelente forma de experimentação e suporte para o trabalho. A busca pelo analó-

gico, por aquilo que é tangível aumenta a cada dia. Câmeras *polaroids* estão em alta, surgem aparelhos que se conectam aos *smartphones* e permitem a impressão imediata das fotos tiradas. Em alguns países como os Estados Unidos e a Inglaterra observamos a ressurgência das livrarias independentes. Há uma valorização de técnicas de impressão analógicas tais quais risografia e *letterpress*. O setor de publicações independentes começa a expandir, é signficante o aumento das feiras de publicações independentes pelo mundo todo. Basta apenas digitar no campo de busca do google “Feiras de Publicações Independentes” e veremos a enorme quantidade de eventos listados e sendo divulgados.

Cada vez mais aumenta o número de editoras, fora dos grande circuito do mercado editorial, produzindo de forma autônoma revistas, zines, livros de artista, fotolivros, quadrinhos, jornais etc. A autopublicação permite uma maior independência e grande flexibilidade de criação por parte do autor, artista ou editora. As Zines, por exemplo são um veículo, que já pela sua concepção, não apresentam preocupação com o mercado. Permite uma maior liberdade e empoderamento do autor, que agora fica responsável por todo o processo desde a idealização, edição, finalização até a distribuição do produto final. Eles são responsáveis por todas as etapas do processo inclusive a de divulgação do seu trabalho. Esses esforços adicionais feito por parte dos autores para fazer

com que sua obra seja conhecida e adquirida promove uma teia de interações movendo uma comunidade em expansão (Barros, 2015).

“(...) a autopublicação de fotolivros, a atuação de editoras independentes ou coletivos de artistas e a importância renovada do zine, mais especificamente do fotozine, estão despontando como celeiro de inovação e criatividade.
<!-- Generator: Adobe Illustrator

É então que se forma uma rede de troca de trabalhos, compartilhamento de ideias fortalecido pelas feiras de publicações. Em um questionário promovido por Lila Cruz (2016) onde ela direciona perguntas para donos de editoras independentes, autores iniciantes e experientes sobre a sua participação de feiras de publicações independentes no Brasil, 63,2 % relatam que quase sempre participam de feiras, quando perguntados a quantidade de feiras por ano 56,4% participam de até três feiras e 25,6% participam até nove.

Como frequentadora assídua desse cenário e desde 2016 participando de eventos e feiras que valorizam os mais diversos tipos de publicação observo a formação de uma grande rede de interações. Editoras e coletivos participam frequentemente de eventos pelo Brasil todo, criando uma conexão com similares em nível regional, estadual, e mundial.

“ *“Le papier souffre tout”* (“o papel aguenta qualquer coisa”) - ditado popular francês: *O papel aguenta qualquer ideia, sofre calado qualquer discussão e jamais se rebela contra a pena, contra os dedos do digitador ou contra a tinta rápida da impressora* “ (KARNAL, TATSCH, p. 15)

~~O livro como memória~~

As fotos saem do plano material e passam a ser armazenadas em CDs em computadores e agora também na nuvem – a representação da nuvem para armazenar nosso arquivo é muito conveniente, pois é a exemplificação do conteúdo que geramos saindo do meio físico e sendo armazenados em uma “nuvem”, um espaço intangível, que não conseguimos visualizar. Estamos produzindo mais dados e menos matéria.

Há de se ressaltar que essa tecnologia é responsável hoje por armazenar nossa “memória” e que ela muita vezes se torna obsoleta. Arquivos se corrompem, não podem ser mais abertos, como o disquete que a pouco tempo atrás era a forma mais utilizada para armazenar arquivos e que rapidamente foi sendo substituída por CDs, que

também está se tornando ultrapassado. É fato que sentimos falta da matéria, seres humanos são seres táteis, eles compreendem o mundo através do toque. (PENDER, 2015) – a matéria torna tudo mais real e completo. As páginas impressas agem como um backup, uma foto do tempo, capturando um momento temporário e o transformando em um objeto de recordação concreto, físico (BROWN, 2014). Este seja um fator importante para a revalorização dos fotolivros, sendo o livro essencial para a arquivar do momento, a memória.

~~Experiência, narrativa e estrutura~~

“Toque, cheire, escute, sinte: O impresso está vivo(...)”

Outra questão essencial que torna real a revalorização do fotolivro é o seu apelo narrativo e sua estrutura. O toque, o cheiro, o virar das páginas faz com que o ato de ler um livro seja uma experiência única – uma conversa entre o livro e o leitor como Badger (2015) coloca “A familiaridade que o livro propicia, a sensação de uma conversa a dois, é ideal.”

Pender (2015) ressalta que impresso oferece uma experiência diferenciada. É sensorial, tanto o cheiro quanto o tato adicionam algo a mais ao conteúdo. Algo impresso parece fixar mais a atenção do observador do que algo online. A tela do computador cria uma distância entre a obra e o observador, enquanto que a tridimensionalidade do livro permite carregar consigo marcas de uso que atuam como um arquivo das trocas ocorridas durante o ato da leitura. (BROWN, 2014)

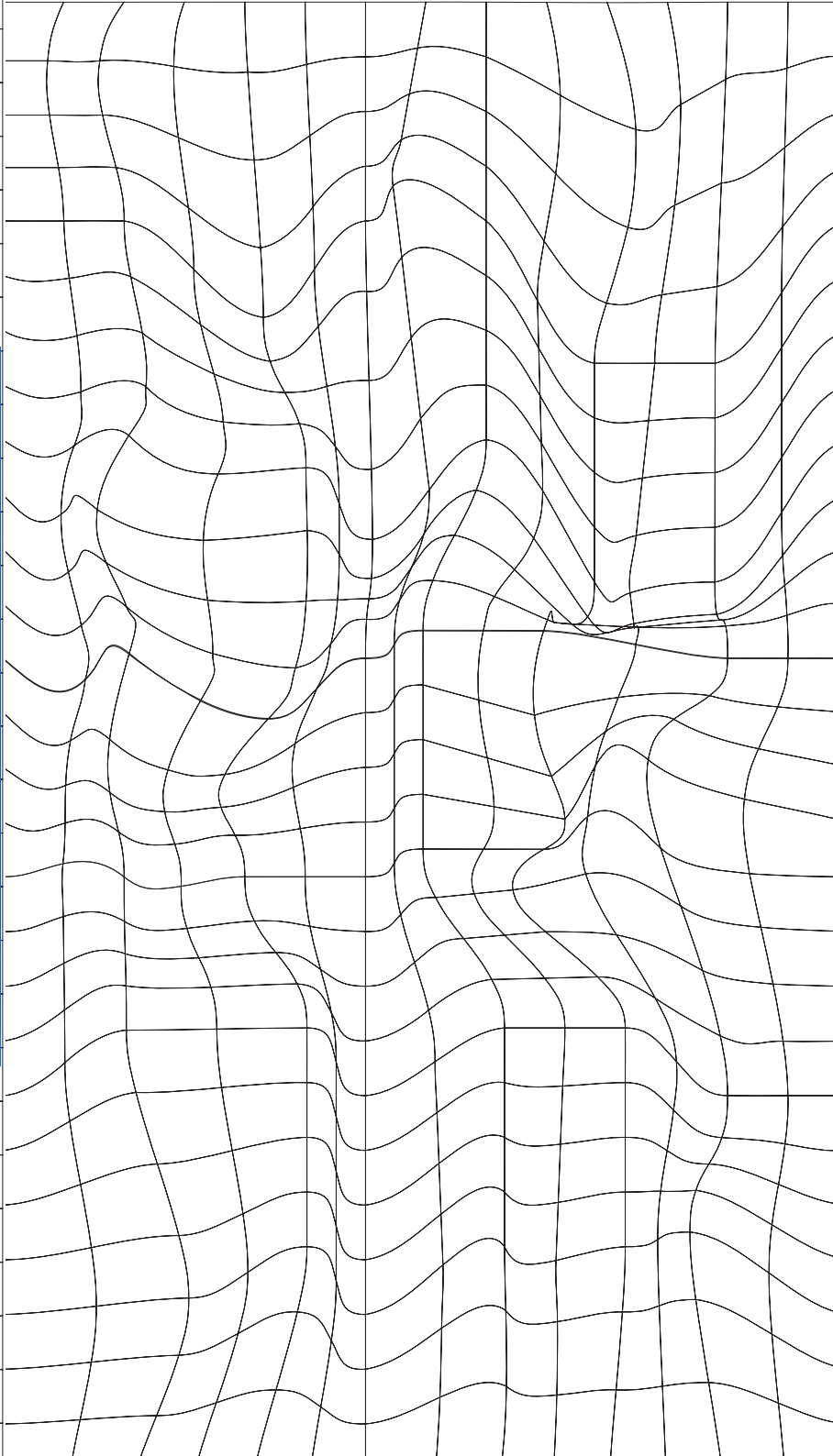
“ A tecnologia facilitou tanto a geração e o consumo de imagens que o público tem dificuldade em selecionar o que interessa para ele, a sobrecarga é cada vez maior e não existe qualquer controle sobre a qualidade do que é produzido, por isso é difícil se destacar apenas com uma publicação online. A procura pelo impresso reflete essa superexposição: o público procura algo mais selecionado, que possa ser apreciado com mais calma, sem tantas distrações. O impresso atualmente é a melhor maneira de se fazer notar, mesmo que seja em menor escala, servindo de cartão de visita e exposição ao mesmo tempo.” (BARROS, 2015)

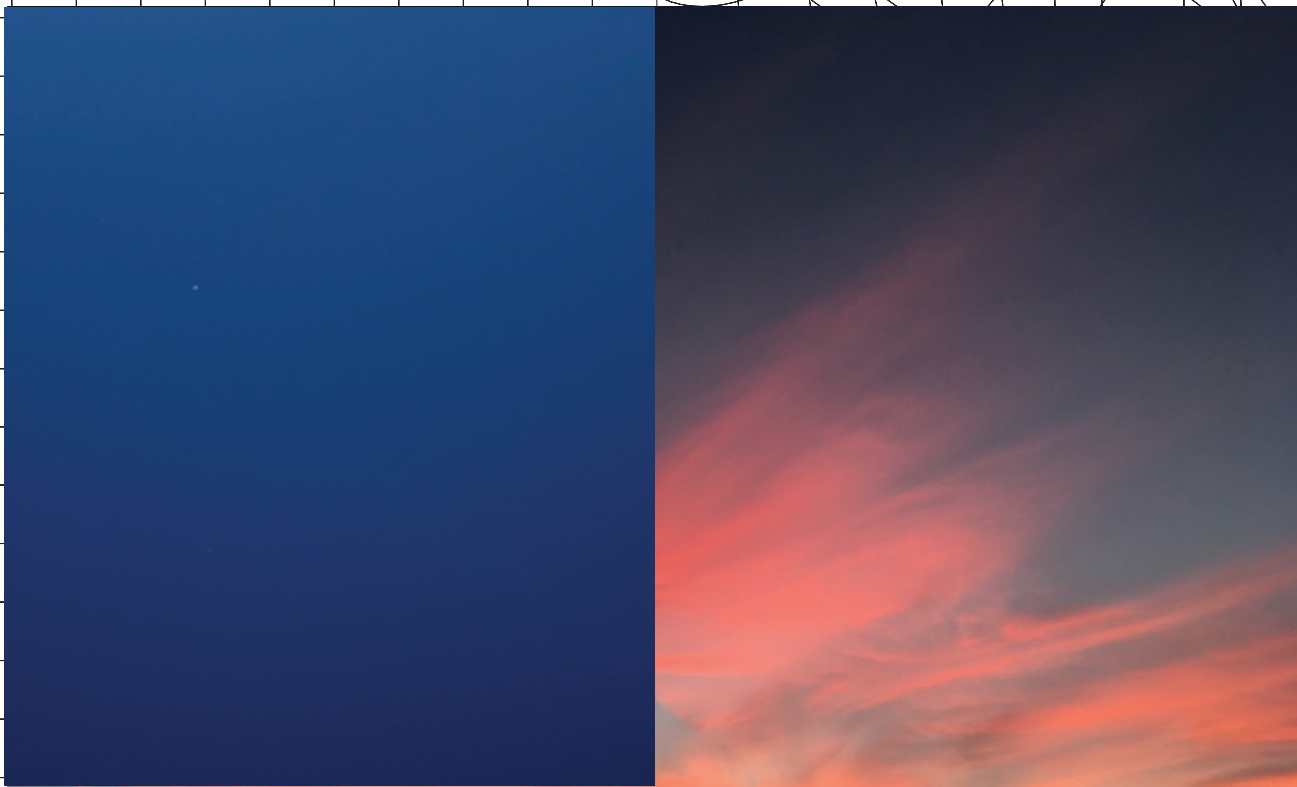
| | | | |
|--|--|--|--|
| | | | |
| | | | |
| | | | |
| | | | |

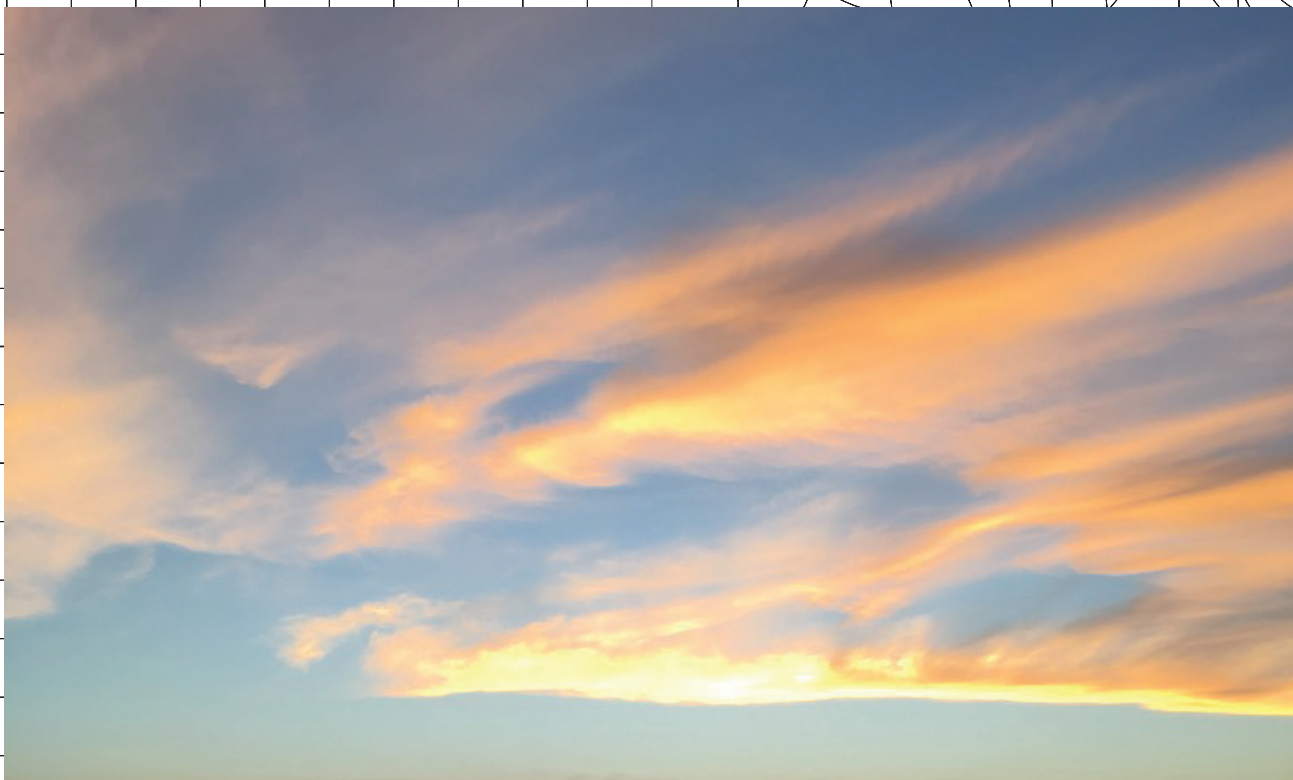
Artistas e designer do novo milênio são nativos da era digital, acostumados com jogos, mensagens, postagens em redes sociais anseiam por experiências físicas reais. É uma geração que nasceu no período digital, e sempre à procura de novos métodos, inusitados e inovadores. Para eles o analógico seria "o novo". O impresso – físico e tangível – entra nesse cenário como meio de acesso aos artista para um novo mundo de experimentações. (ZEEGEN p. 27)

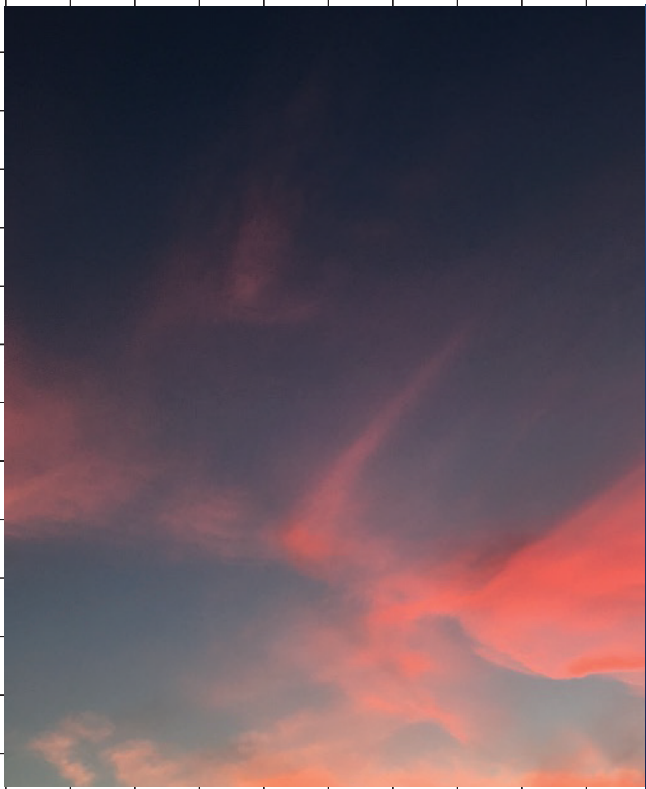
Os fotolivros caminham junto com esse movimento, fotógrafos e artistas vêm buscando novas formas de expressar suas ideias e muitos deles encontram seu caminho na narrativa fotográfica que um livro proporciona. O fotolivre vem se reinventando e ganhando importância como uma ferramenta do artista, para sua narrativa que é enxergada por eles também como uma forma de conquistar maior relevância e diversidade junto às instituições e visto como um nicho de mercado para muitas editoras (BARROS, 2015)

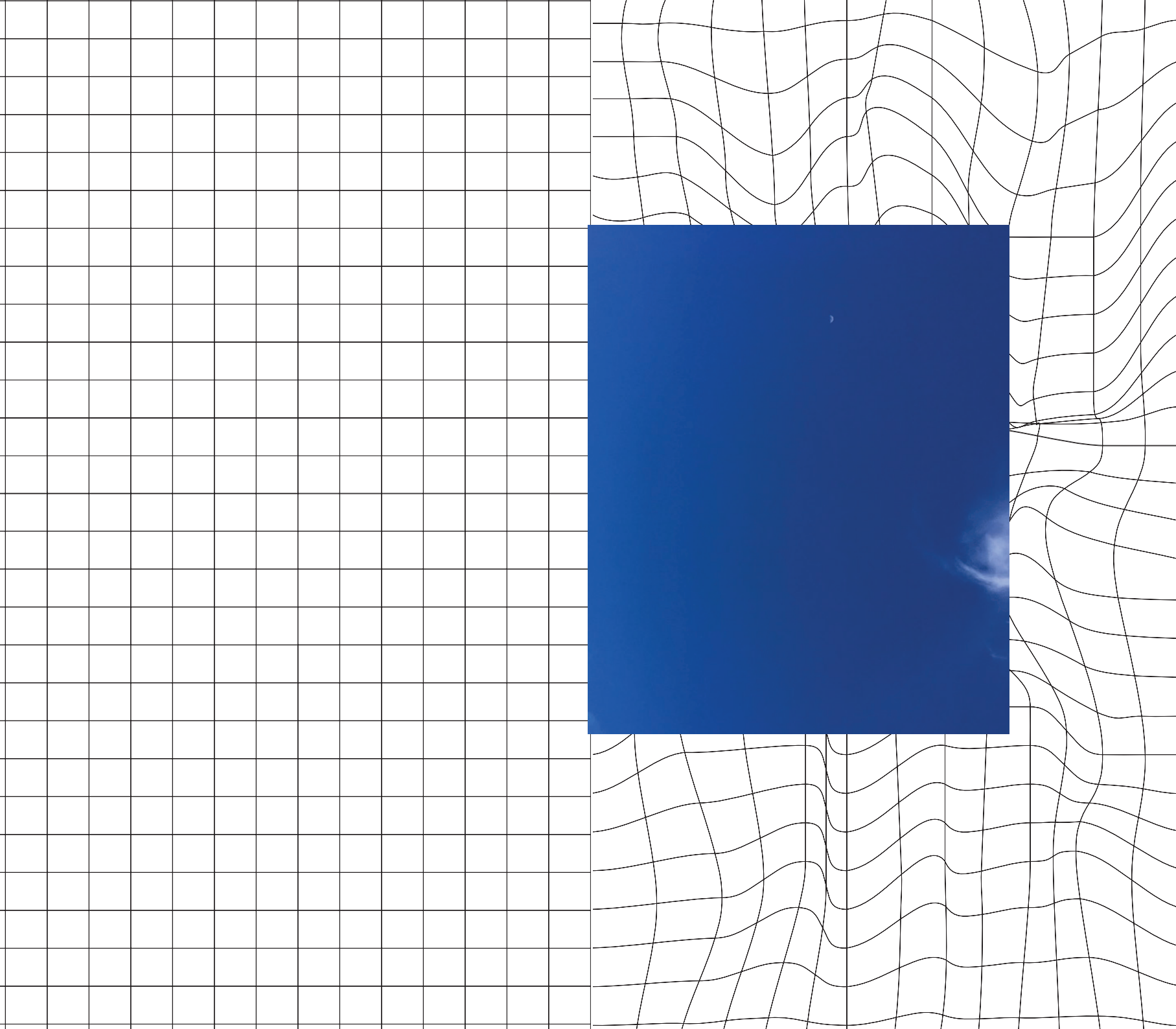
Entretanto, para esse “novo mundo de experimentações” onde a materialidade e narrativa que o formato de um livro proporciona, não cabe a exclusão de uma mídia anterior – no caso a digital – e sim da complementação das duas. O mundo digital com a sua conectividade e a interatividade entra como suporte à mídia impressa nesse panorama, “(...) o virtual e o real não estão mais em lados opostos, são complementares e interdependentes.” (BARROS, 2015)











ensão do tempo e da diminuição do espaço. Para além disso, os meios informáticos tornam possível a comunicação em tempo real, criando um sentimento de simultaneidade e de imediatismo que transcende as barreiras do espaço e do tempo.”

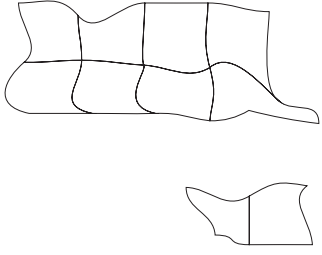
(LIPOVETSKY; SERROY, 2010, p.21-22)

Nos comunicamos através de mensagens instantâneas, vídeos e fotos feitos em um momento que após visualizados são apagados por completo, ao mesmo tempo podemos ter acesso a tudo em qualquer aparelho uma vez que estamos conectados no mundo virtual. Esse instante se torna volátil, efêmero e passageiro. Nossos relacionamentos agora transcendem, não existem mais barreiras físicas, agora ao comunicar com-partilhamos um espaço virtual de comunicação efêmera (LÉVY, 1999, p.101). Caminhamos para o digital, cada vez mais dentro do mundo virtual, somos bombardeados com uma quantidade exacerbadada de conteúdo tratado como

“dilúvio informacional”;

“É o transbordamento
cático das informações,
a inundação de dados, as
águas tumultuosas e os
turbilhões da comunicação,
a cacofonia e o
psitacismo ensurdecedor
das mídias, a guerra das
imagens, as propagandas e
as contrapropagandas, a
confusão dos espíritos.”
(LÉVY, 1999, p.13)

○ digital influencia e modificando as relações contemporâneas e a forma como assimilamos o conteúdo disponível para nós. O novo mundo *cibernético* é impermanente, instantâneo e fluido.



borrífam, pingam.;" (2001,p.9) são características fundamentais dessa nova fase. Esta fase é impulsionada pelo surgimento de novas tecnologias que influenciam e estimulam diretamente o comportamento e valores da sociedade descritos acima. **Barbosa** (1985, p.xiii) descreve que o cenário pós-moderno é "essencialmente *ci-bernético* informático e informacional" afirmando que os avanços tecnológicos nos propõem séries reflexões sejam elas éticas, políticas, culturais, on-tológicas, científicas, etc. Toda essa virtualização da informação e processo tecnológico resultam em uma mudança global da civilização (Lévy 1999, p.16).

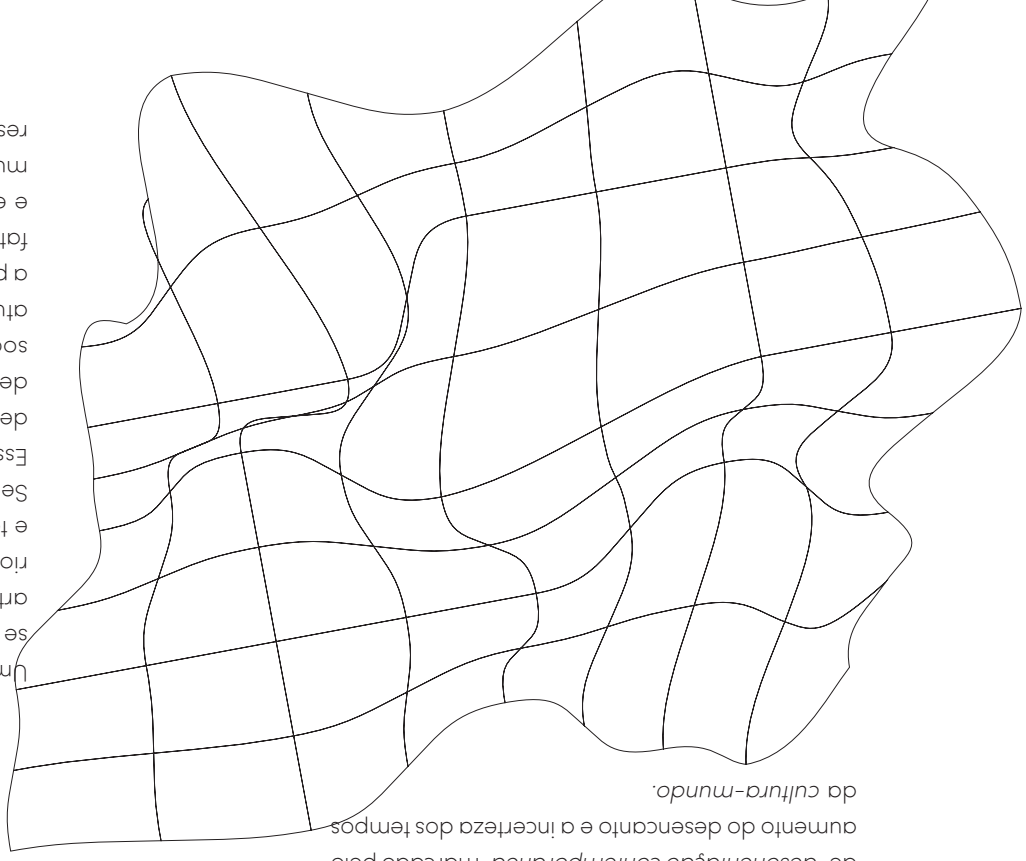
Ao falar das interações e do mundo contemporâneo é essencial tratar dos avanços tecnológicos, eles encurtaram as distâncias e diminuíram as barreiras espaço-tempo. De repente o mundo ficou pequeno. "Com o desenvolvimento das comunicações dos hipermedia, muda a relação com o tempo e a distância, os grandes acontecimentos históricos ou desportivos são vistos em directo, tendo cada pessoa acesso imediato às imagens e às informações de todos os cantos do mundo. "A terra nunca foi tão pequena", diz um anúncio de telemóveis. Passamos a estar ligados a todos independentemente do lugar, os recantos mais periféricos estão desenhados, o local está em contacto com o global: a *cultura-mundo* é a cultura de compra

A tecnologia como carácter determinante

Para seguir adiante vale concluir que a modernidade (...) provocou por toda parte uma dinâmica de secularização da cultura política, jurídica, ética, cotidiana, literária e artística, com cada um destes sectores a desenvolver-se segundo as suas necessidades e dinâmicas próprias” (LIPOVETSKY, SERRROY, 2010, p.17).

Após duas guerras mundiais e a decadência de grandes sistemas ideológicos-políticos marcados pelo fim da Guerra fria a atmosfera progressista que pairava no ar parecia estar chegando ao fim. Por volta dos anos 70 e 80 se via um esgotamento tanto estético quanto social e económico da modernidade que perdurou nos anos posteriores.

Lipovetsky e Serroy (2010, p.25-27) descrevem esse período que perdura até hoje como um período de “*desorientação contemporânea*” marcado pelo aumento do desencanto e a incerteza dos tempos da cultura-mundo.



Um período cheio de incertezas, onde as barreiras se dissolvem e se confundem tanto no âmbito artístico quanto no geopolítico e inclusive críticos como da direita e esquerda se confundem e tornam-se cada vez mais fluidos (Lipovetsky e Serroy, 2010, p.27-28)

Essa mesma fluidez é carácter central no estudo de Bauman que utiliza do termo liquidez e fluides como metáforas para tratar das relações sociais, económicas e interpessoais no mundo atual pois nada mais justo considerá-las, já que a própria definição de fluido e líquido atrelado ao fato de que “não se atém muito a qualquer forma e estão constantemente prontos (e propensos a respingam, transbordam, vazam, inundam, muda-la)...” e que “fluem, escorrem, esvaem-se,

Da certeza para tempos incertos

“Vivemos em tempos
líquidos. Nada é para
durar...”

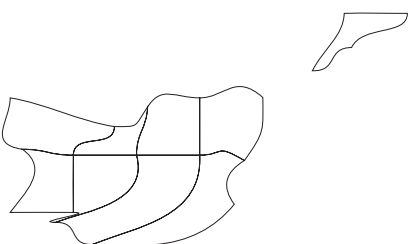
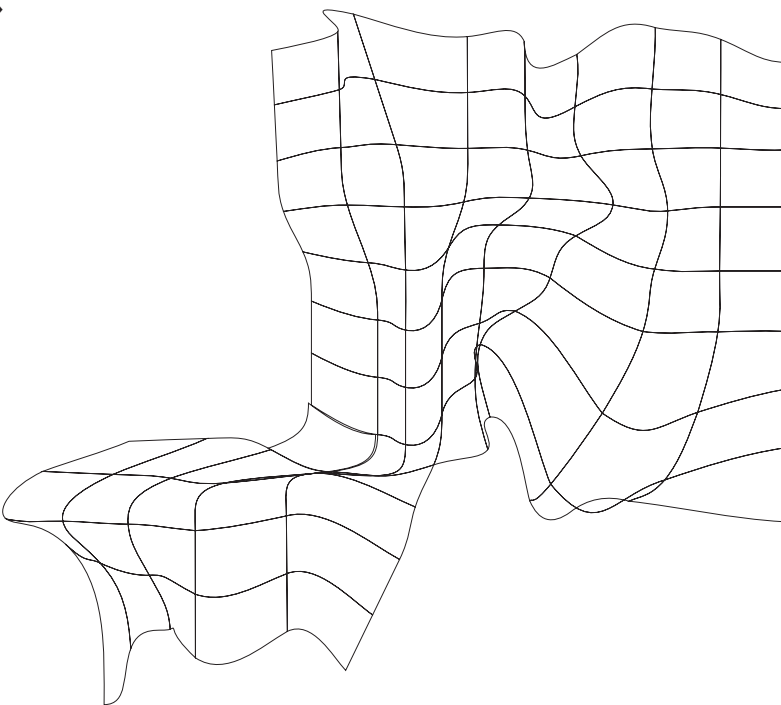
É assim que o sociólogo **Bauman**, descreve o período em que vivemos. A primeira vez que ouvi essa afirmação me causou um leve estranhamento. Mas a que realmente se referia essa liquidez? **Bauman** propõe a teoria da modernidade líquida, nela ele defende que a modernidade está em decadência, que hoje em dia nossas relações são instáveis e efêmeras, tempos esses de instabilidade e flutuações socioeconômicas que levam a uma atmosfera de incertezas. Este mesmo período é denominado por alguns teóricos como pós-modernismo ou, como afirma **Lipovetsky**, *Hipermodernismo*. Para nos situarmos no espaço tempo e ter um panorama histórico, visualizando melhor onde e como chegamos, é necessário

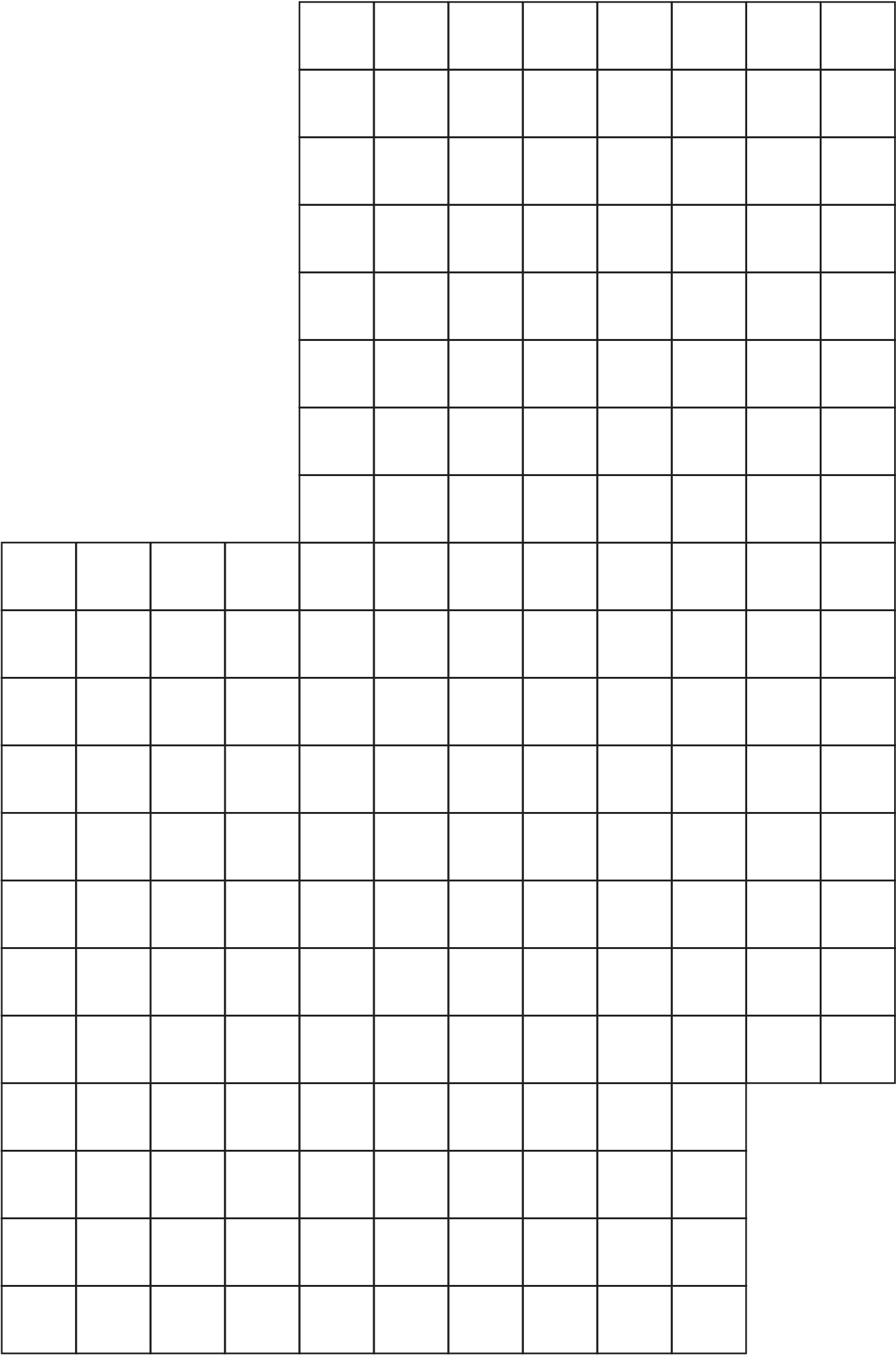
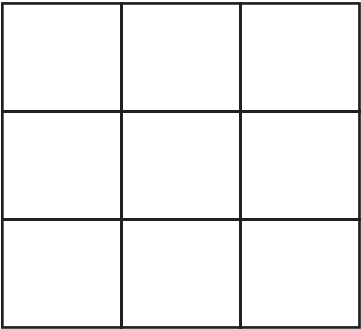
O período moderno na história ocidental está atrelado a revolução industrial, nesse período ideias que surgiram na revolução francesa em-
basadas por teorias iluministas tomam força e se estabelecem rompendo com o pensamento medieval vigente da época.

“(...) a ideia iluminista propõe
estender a todos os indivíduos
condições concretas de autonomia,
em todas as esferas. Em outras
palavras, ela é universalista
em sua abrangência - ela visa
todos os homens, sem limitações
de sexo, raça, cultura, nação - os
sujeitos e os objetos do processo
de civilização são indivíduos
e não entidades coletivas - , e
emancipatória em sua intenção -
esses humanos individualizados
devem aceder à plena autonomia, no
registro do pensamento, da
política e da economia.” (ROUANET,
1993, p. 33)

São esses valores iluministas de igualdade, lai-
cidade e liberdade sempre guiados pela razão
junto com o racionalismo cartesiano proposto por
Descartes que sintetizam os principais pilares do
pensamento moderno. Esses ideais geraram uma
atmosfera de otimismo onde o próprio indivíduo
se torna responsável pelo seu progresso.

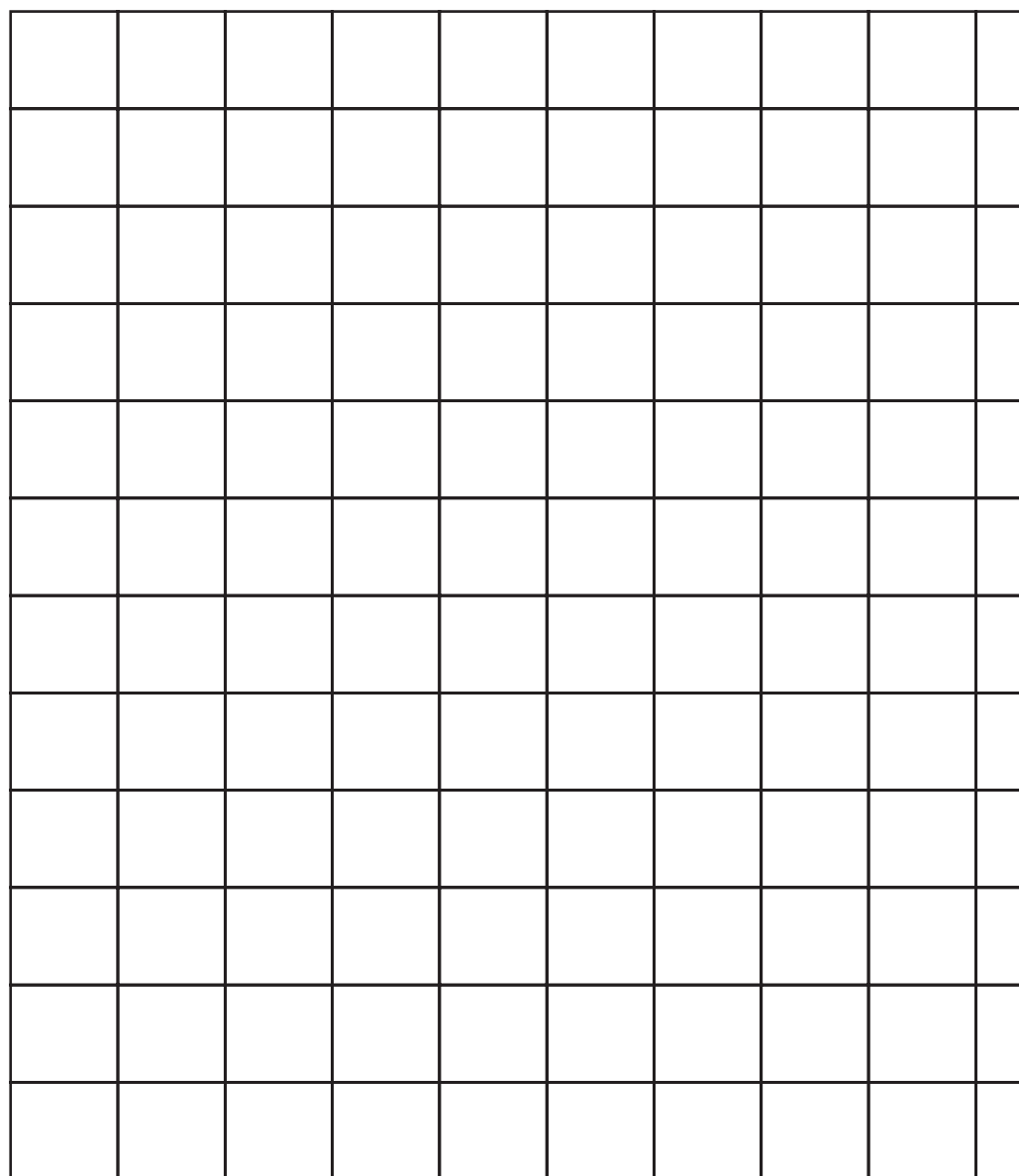
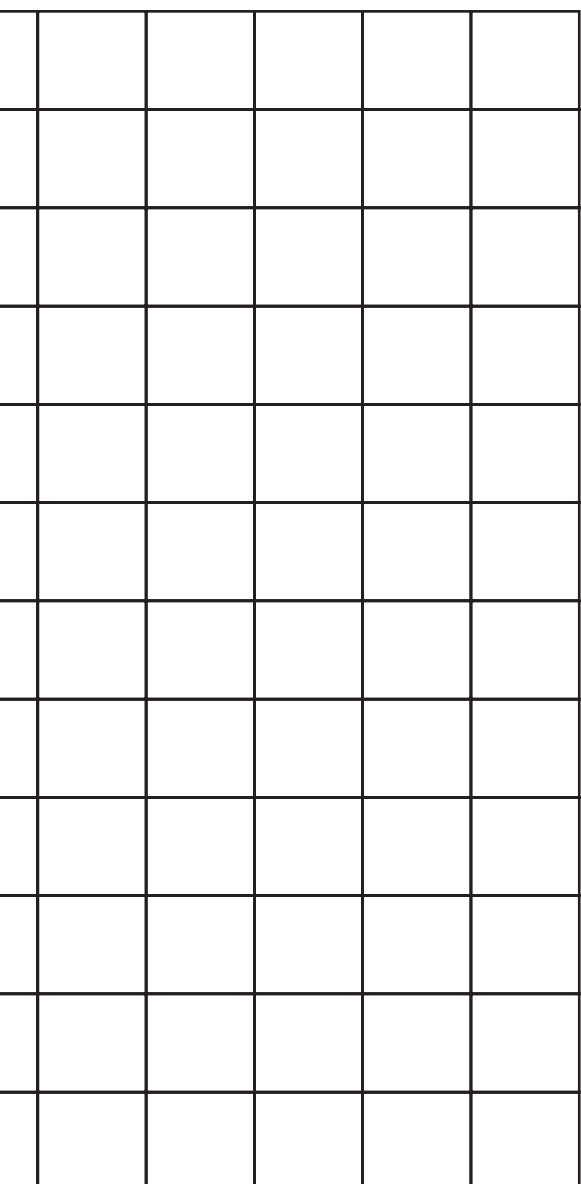
efêmero





O toque, o cheiro, o virar das páginas, o
ato de ler um livro é uma experiência única
- uma conversa entre o livro e o leitor.

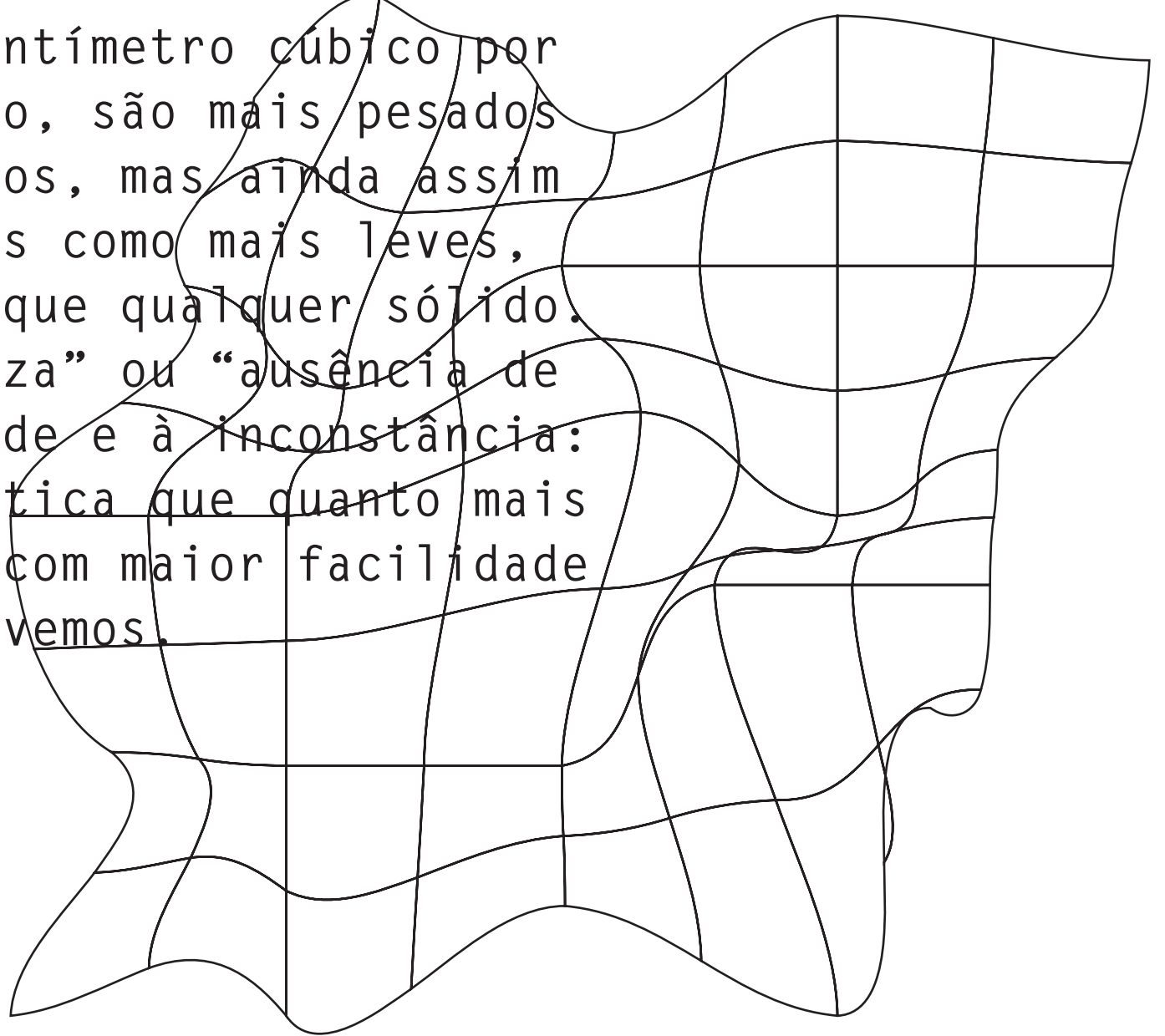
*“Toque, cheire, escute, sinta:
O impresso está vivo!”*



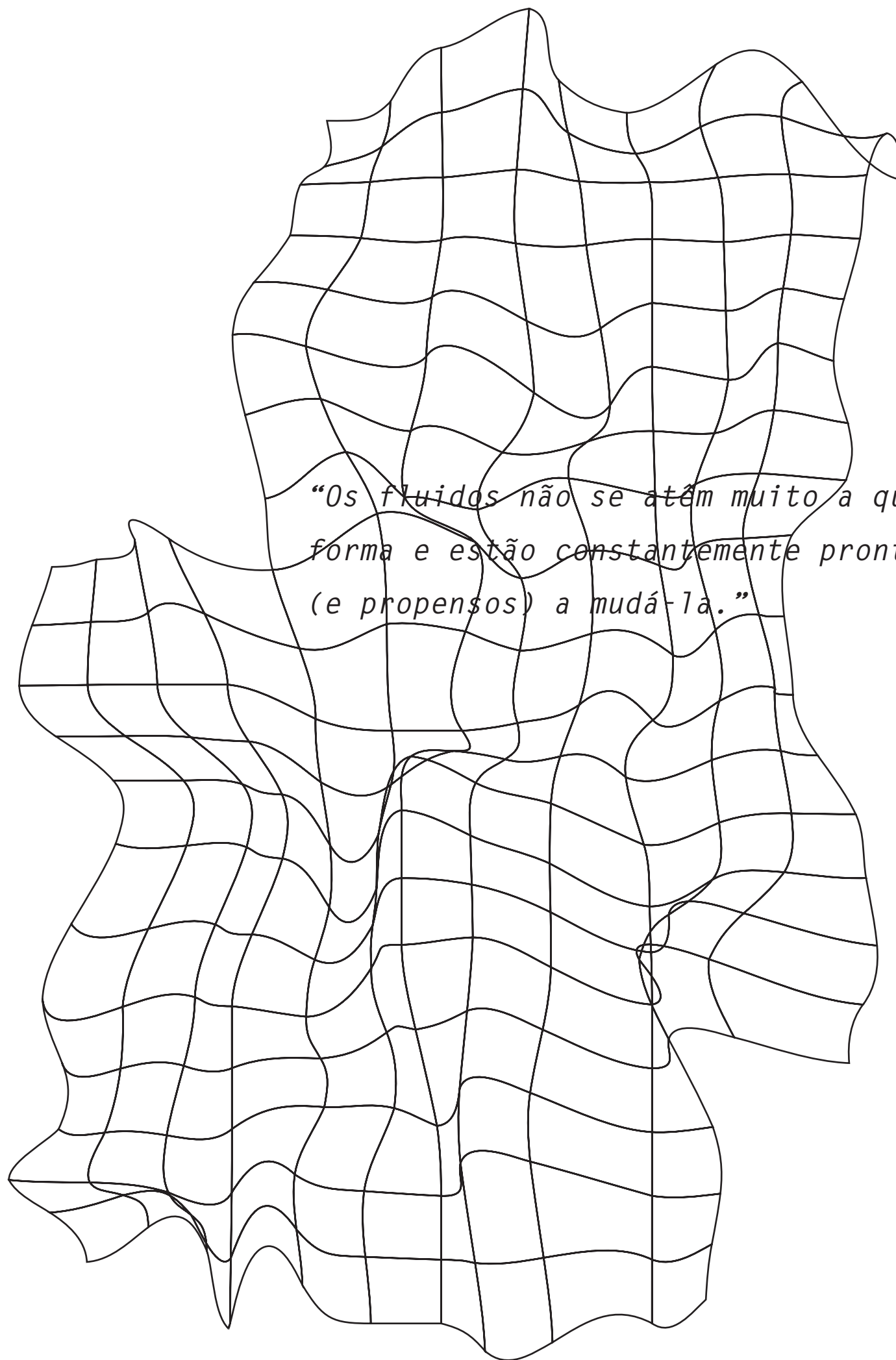
As páginas impressas agem
como um backup, uma foto do
tempo, capturando um momento
temporário e o transformando
em um objeto de recordação
concreto, físico.



Os fluidos se movem facilmente. Eles “fluem”, “escorrem”, “esvaem-se”, “respingam”, “transbordam”, “vazam”, “inundam”, “borrifam”, “pingam”; são “filtrados”, “destilados”; diferentemente dos sólidos, não são facilmente contidos – contornam certos obstáculos, dissolvem outros e invadem ou inundam seu caminho. Do encontro com sólidos emergem intactos, enquanto os sólidos que encontraram, se permanecem sólidos, são alterados – ficam molhados ou encharcados. A extraordinária mobilidade dos fluidos é o que os associa à idéia de “leveza”. Há líquidos que, centímetro cúbico por centímetro cúbico, são mais pesados que muitos sólidos, mas ainda assim tendemos a vê-los como mais leves, menos “pesados” que qualquer sólido. Associamos “leveza” ou “ausência de peso” à mobilidade e à inconstância: sabemos pela prática que quanto mais leves viajamos, com maior facilidade e rapidez nos movemos.

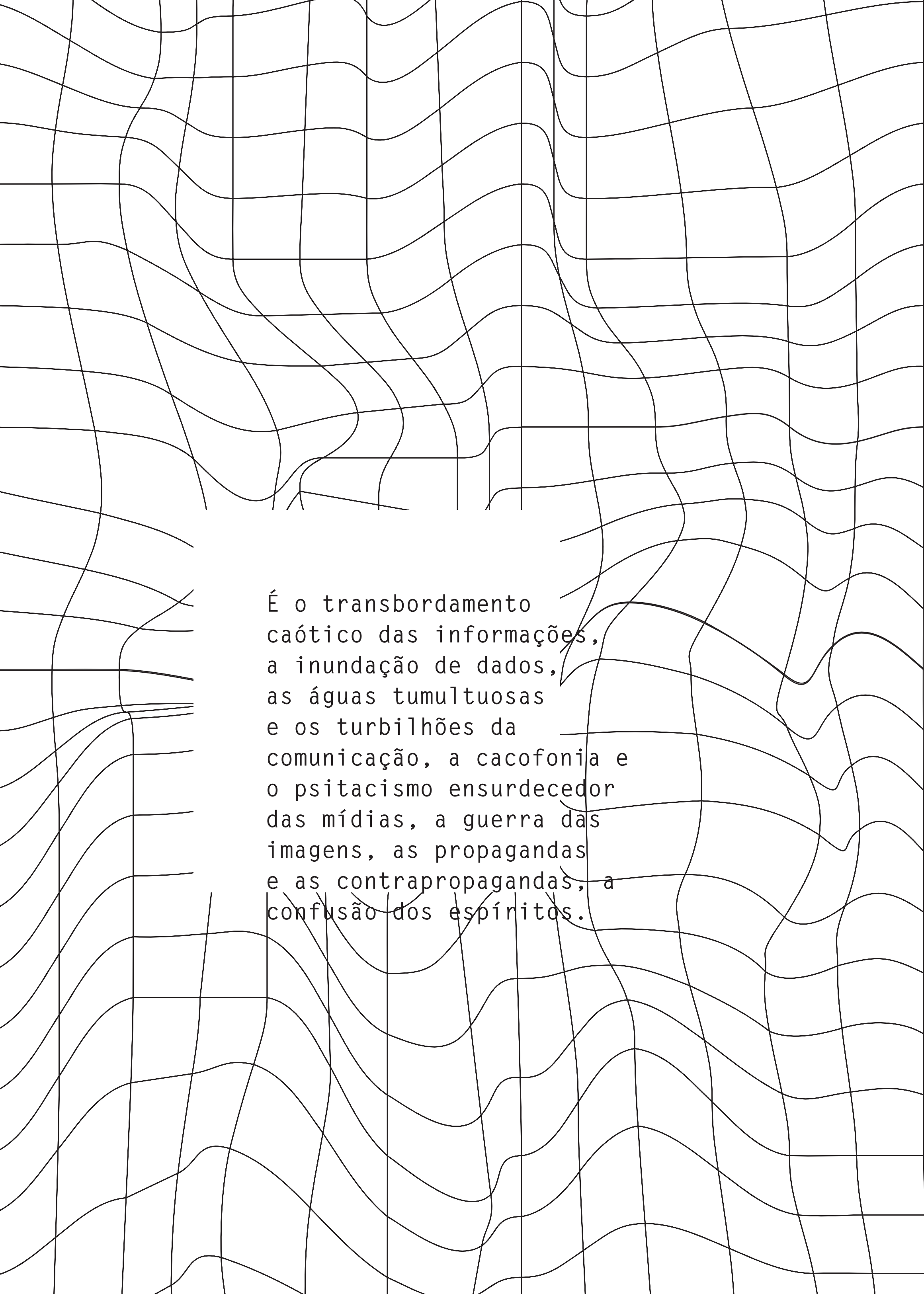






*“Os fluidos não se atêm muito a qualquer
forma e estão constantemente prontos
(e propensos) a mudá-la.”*



The background of the entire image is a complex, abstract pattern. It consists of a grid of thin, black lines that are not perfectly straight but have a wavy, undulating quality. These lines intersect to form a series of irregular, elongated shapes that resemble a distorted mesh or a topographical map. The overall effect is one of dynamic tension and visual complexity.

É o transbordamento
caótico das informações,
a inundação de dados,
as águas tumultuosas
e os turbilhões da
comunicação, a cacofonia e
o psitacismo ensurdecedor
das mídias, a guerra das
imagens, as propagandas
e as contrapropagandas, a
confusão dos espíritos.











60"

Em um dia ensolarado olho para o céu. Céu azul claro iluminado e com algumas poucas nuvens no céu. Mais atenta agora observando essas nuvens percebo que, caminham numa velocidade acelerada e, em questões de segundos, tomam formas completamente diferentes.

No mesmo dia, agora ao anoitecer, olho para o céu e vejo que aquele tom azul claro fora substituído por um gradiente formado pelo mesmo azul de antes e um alaranjado. Agora, com mais nuvens que dessa

vez caminham lentamente. Em questões de minutos o gradiente muda e tons de magenta são adicionados nessa combinação.

As nuvens estão quase na mesma posição que antes, movendo-se lentamente mas agora os tons de azul, magenta e alaranjado são substituídos por um azul escuro, que se espalha por todo o céu, ficando cada vez mais escuro até tudo virar breu.

(Anotações, dia 08 de abril de 2017)

Fonte Sofia Pro
Papel Sulfite 120 g/m²



Aquilo que flui

*Quanto mais leve
viajamos, com
maior facilidade
e rapidez nos
movemos...*